

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO: MESTRADO

BE A BA, BE É BÉ, BE I BI, O ALMANAQUE FONTOURA:

entre práticas de leituras escolares e o projeto educacional
republicano, uma representação de sertanejo (1914-1920)

MARCELO OLIANO MACHADO

MARINGÁ
2011

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO: MESTRADO

BE A BA, BE É BÉ, BE I BI, O ALMANAQUE FONTOURA:

entre práticas de leituras escolares e o projeto educacional republicano, uma
representação de sertanejo (1914-1920)

Dissertação apresentada por MARCELO OLIANO MACHADO ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Área de Concentração: História da Educação, Linha de pesquisa: História Historiografia da Educação, da Universidade Estadual de Maringá, como requisito para obtenção do título de Mestre.

Orientadora: PROF^a DR^a EDNEIA REGINA ROSSI.

MARINGÁ
2011

MARCELO OLIANO MACHADO

BE A BA, BE É BÉ, BE I BI, O ALMANAQUE FONTOURA:
entre práticas de leituras escolares e o projeto educacional republicano, uma
representação de sertanejo (1914-1920)

BANCA EXAMINADORA

Prof^a Dr^a Ednéia Regina Rossi (Orientadora) – UEM

Prof. Dr. Marcus Levy Bencostta (UFPR)

Prof^a. Dr^a. Maria Cristina Gomes Machado (UEM)

Maringá, ____ de _____ de 2011.

Dedicatória

Aos brocoió, bronco, mateiro, capa-bode, moco­rongo, casca-grossa, caipira, macaqueiro, queijeiro, Beira-corgo, matuto, mandioqueiro, pé-no-chão, roceiro, sertanejo, sitiano: Jecas.

Aos Sinhô, pessoa instruída, vosmecê, famigerado, douto, pau da peroba, aperfeiçoado: intelectuais.

Em suma: Sertanejos, intelectuais e à imaginação social e coletiva, que entre os simbolismos e a razão criam imagens de magia, ciência e história.

AGRADECIMENTO

A **meus pais**, pelo sopro da vida, a professora, **Dra. Edneia Rossi** pela orientação, a **Nathalia Limeira**, pela companhia nos incansáveis dias de estudos na BCE, a todos do meu ambiente de trabalho, que colaboraram com minhas trocas de horários, ao amigo **Fabiano**, pelos ouvidos pacientes, a **Helaine Patrícia**, pelo trabalho de formatação, a **Elaine Amorin** pelo incentivo em levar adiante minha pesquisa, **aos professores do programa de Pós-graduação em Educação**, por terem proporcionado diferentes olhares a respeito da História da Educação, a minha madrinha '**Mainha**', pelas histórias que me contava a respeito do Almanaque Biotônico Fontoura, **a todos aqueles que de uma forma ou de outra contribuíram para a realização desse trabalho.**

Como disse o poeta Carlos Drummond de Andrade: "**Eu preciso de todos**".

MACHADO, Marcelo Oliano. **BE A BA, BE É BÉ, BE I BI, O ALMANAQUE FONTOURA: entre práticas de leituras escolares e o projeto educacional republicano, uma representação de sertanejo (1914-1920)**. 88f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá. Orientadora: Prof^a Dr^a Edneia Regina Rossi. Maringá, 2011.

RESUMO

Entre os anos de 1914 e 1920 duas publicações chamam atenção: o artigo “Velha Praga” de 1914 e o “Almanaque do Biotônico Fontoura” de 1920. Elas enfocavam de maneira diferente o sertanejo e ambas foram em um período que várias transformações ocorreram no Brasil, mais especificamente aquelas ligadas ao saneamento e mecanização do campo, que contribuíram para emergir várias propostas de educação voltadas para o ambiente rural. Entre elas destacam-se aquelas cujas atenções estavam voltadas à higiene e ao trabalho transformando o sertanejo, especialmente as crianças em idade escolar, em sujeitos importantes do processo civilizatório. Tendo em vista estes aspectos, o objetivo dessa pesquisa é desvendar as relações entre as representações do homem do campo veiculadas pelo Almanaque e sua aproximação com os ideais de educação que circundaram o Brasil na segunda década do século XX. As reflexões apontam para a hipótese de o Almanaque Biotônico Fontoura, em especial às edições que traziam a história do Jeca Tatuzinho, ter contribuído para a criação de uma imagem representativa de sertanejo ligada ao atraso, falta de higiene, educação e estado de doença e pobreza. Esse Almanaque foi usado nas escolas como material de leitura, por isso a prática dessa leitura contribuiu para consolidar na mente da maioria de seus leitores em idade escolar e/ou pessoas que tiveram contato com ele essa imagem negativa de sertanejo. Para este estudo considerei textos ligados a história da educação no Brasil, textos literários que abordavam o sertão e seus habitantes, outros que tratavam de assuntos referentes às práticas de leituras, representações individuais e coletivas, além daqueles especificamente ligados à educação das populações rurais.

Palavras-chave: História da Educação; Almanaque Biotônico Fontoura; Jeca Tatu; práticas de leitura; representação.

MACHADO, Marcelo Oliano. ***BE, BA, BE, BE, BE I BI, THE ALMANAC FONTOURA: between school's reading practices and the republican educational project, a presentation of countryman (1914-1920)***. 88f. Dissertation (Master in Education) – State University of Maringá. Tutor: Prof. Dr. Edneia Regina Rossi. Maringá, 2011.

ABSTRACT

Between 1914-1920 two speeches draw attention: the “Old Prague” from 1914 and the “Almanac of Biotonico Fontoura” from 1920 both author's Monteiro Lobato. They are focused on the Brazilian countryman from different point of view and both were in a period that many changes occurred in Brazil, specifically those related to the reorganization and mechanization of the field, that contributed to emerge several proposals for education for the rural areas. Among them are those that aimed attention and were looking for new hygiene's habits and work which transformed the countryman, especially the children in school age, whose became important subjects for the civilization process. Considering these aspects, the objective of this research is to reveal the relationship between the representations of the countryman expressed by the Almanac and its approach to the speeches of education that surrounded Brazil in the second decade of the twentieth century. These reflections point to the hypothesis that the Almanac Biotonico Fontoura, specially the issues that brought the story of Jeca Tatuzinho have contributed to the creation of a representative image of backcountry composed for the delay, poor hygiene, poor education, diseases and poverty. This almanac was used in schools as reading material. So this practice of reading helped to consolidate in the mind of most readers in school age or people who had contact with its a negative image of the Brazilian countryman. To make this research I used texts related to the History of Education in Brazil, literary texts about the backwoods and its inhabitants, other ones that were related to the practices of reading, individual and collective representations, than those specifically relating to the education in rural areas.

Key-words: History of Education; Almanac Biotonico Fontoura; Jeca Tatu; practices of reading; representation.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1:	Capa do Folheto Jeca Tatuzinho.....	16
Figura 2:	Jeca de cócoras, opilado.....	17
Figura 3:	Jeca semeando.....	18
Figura 4:	Jeca dormindo.....	19
Figura 5:	Jeca recebendo a visita do Dr. Fontoura.....	20
Figura 6:	Jeca e Dr. Fontoura.....	21
Figura 7:	Jeca Tatu torna-se saudável.....	22
Figura 8:	Jeca Tatu torna-se um homem valente.....	24
Figura 9:	Jeca Tatu trabalhador e empreendedor.....	25
Figura 10:	Jeca Tatu rico e fazendeiro.....	26
Figura 11:	Jeca Tatu e tecnologia.....	27
Figura 12:	Jeca Tatu aconselhando os jovens.....	28

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	9
2	<i>BE A BA, BE É BÉ, BE I BI, O TÔNICO FONTOURA: APRESENTOLHES O ALMANAQUE BIOTÔNICO FONTOURA.....</i>	15
2.1	E SUAS IMAGENS FORAM DESCRITAS.....	15
3	ENTRE O BIOTÔNICO FONTOURA E O JECA TATUZINHO: AS LIÇÕES DE UM ALMANAQUE QUE FICARAM NA MEMÓRIA.....	30
3.1	A DESCOBERTA DA GOSTOSURA: QUANDO TUDO ACONTECEU....	30
3.2	UM OLHAR PARA O SERTÃO: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE OS CONCEITOS DE SERTÃO E A EDUCAÇÃO DO SERTANEJO.....	35
3.3	PREÂMBULOS DE UM CONTEXTO: OS ALICERCES SÓCIO/EDUCACIONAIS DO ALMANAQUE BIOTÔNICO FONTOURA – O DIFUSOR DE UM IDEÁRIO.....	41
4	ENTRE A LITERATURA E O DISCURSO EDUCACIONAL: “O JECA NÃO É ASSIM, ESTA ASSIM” À PEDAGOGIA DO SERTANEJO.....	51
4.1	ASSOCIAÇÕES: IDÉIAS, TEXTOS E CONTEXTOS NA CRIAÇÃO DO ALMANAQUE BIOTÔNICO FONTOURA.....	51
4.2	UNINDO OS ELEMENTOS: LOBATO & FONTOURA E UM CERTO JECA TATUZINHO.....	62
4.3	OS LIMITES DA INTERPRETAÇÃO.....	73
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	79
	REFERÊNCIAS.....	82

1 INTRODUÇÃO

O princípio da preocupação

“A história dos historiadores coroados pelas academias mostra-nos só a sala de visitas dos povos [...]. Mas as memórias são a alcova, as chinelas, o penico, o quarto dos criados, a sala de jantar, a privada, o quintal [...] da humanidade” (Carta a Godofredo Rangel, São Paulo, 09/05/1913 *apud* LOBATO, 1961, p. 161).

Entre os desafios que se impõem aos historiadores da educação nos tempos atuais, ao revisitarem o passado, entendo que nada se sobrepõe ao exercício de um olhar cuidadoso sobre novas fontes e objetos, criando possibilidades de ressignificar as temáticas educacionais devolvendo-lhes o movimento próprio das coisas vivas, feitas de muitas particularidades conectadas ou não entre si.

Devo à inquietação de historiadores que avistam a movimentação do dia-a-dia, a complexidade do cotidiano, a pluralidade no singular, o meu desviar de temas universais, e arriscar-me por caminhos que me levaram a outras fontes, atribuindo-lhes propriedades de documentos capazes de produzir conhecimentos.

A minha graduação em Letras e a especialização em Pesquisa Educacional também foram elementos que, somados em suas relevâncias, revelaram-me a possibilidade de construir meu discurso a partir da reflexão entre as aproximações do ideário educacional da Primeira República e a construção e difusão do Almanaque Biotônico Fontoura.

O Almanaque Biotônico Fontoura, em especial as edições que traziam a história da personagem Jeca Tatu, foram publicados no Brasil entre os anos de 1920 e 1982. Este almanaque com uma linguagem simples, associada diretamente com as ilustrações que acompanharam os textos, tornava-o um material de leitura de fácil acesso, compreendido tanto por aqueles que estavam em processo de

letramento como pelos não letrados. Este formato de produção atendia às limitações impostas a um país cujo número de analfabetos equivalia a 64,9% da população (dados IBGE-1920). Assim, atrelar o texto escrito à imagem visual e vice versa, pode ter sido um recurso dos idealizadores do Almanaque (Monteiro Lobato e Candido Fontoura) para tornar a história do Jeca Tatuzinho compreensível para o maior número possível de sujeitos.

Convém esclarecer que, embora circulasse em outros espaços, esta pesquisa busca evidenciar a circulação do Almanaque Biotônico Fontoura no interior das escolas como material de leitura, fato que, acreditamos, acabou por tornar ainda maior o número de seus leitores.

Se considerarmos os dados do IBGE de 1920 que apontava os brasileiros em 27,5 milhões de habitantes, entre os quais apenas 17% habitavam as grandes cidades, éramos um país de sertanejos. Neste sentido, entendo que o Almanaque ao priorizar o homem do campo em seu discurso teve como alvo atingir o próprio homem do campo, que, por outro lado, teve acesso facilitado ao Almanaque em virtude de sua distribuição gratuita nas escolas e farmácias em diferentes regiões do país.

Assim, o objetivo principal desse trabalho configurou-se por desvendar as relações entre as representações do homem do campo veiculadas pelo Almanaque e sua aproximação com os ideais de educação que circundaram o Brasil nas primeiras décadas do século XX.

A hipótese inicial é a de que o Almanaque Biotônico Fontoura contribuiu para com a implementação de um ideário de educação que pretendia homogeneizar comportamentos a partir de um ideal de progresso e desenvolvimento defendidos pela República.

Contudo, se parto do princípio que na década de 1920 os ideais de progresso para a nação tornavam-se cada vez mais presente nos discursos, e esperava-se que a imagem de um brasileiro ideal fosse alcançada, porquê, a imagem de sertanejo que se destacou na memória de muitas pessoas foi aquela que associava o Jeca a características negativas de atraso?

Partindo dessa problematização outra hipótese é que o uso desse almanaque na escola, ou em outros lugares, levou o Jeca a tornar-se conhecido em praticamente todo o Brasil como representante caricatural do caboclo brasileiro. Assim, parto do entendimento de que ao mesmo tempo em que a história dessa personagem trazia lições de saúde, trabalho e educação, por outro lado, ao difundir a história do Jeca Tatuzinho, contribuiu para difundir e cristalizar uma representação de sertanejo como indolente e preguiçoso.

Neste sentido, para construir os argumentos de meu discurso o recorte temporal deste trabalho de pesquisa se limita aos anos de 1914 a 1920. A escolha desse período baseia-se no fato de ser 1914 o ano em que Lobato publicou o artigo, “Velha Praga”, no qual critica e atribui à natureza do sertanejo a culpa pelo seu fracasso e atraso no desenvolvimento da nação. Na outra extremidade, o ano de 1920, tem como referência a publicação da primeira edição do Almanaque que trazia a história da personagem Jeca Tatu, que personifica o sertanejo brasileiro. Neste sentido, o trabalho irá se debruçar sobre o momento de construção desse estereótipo de sertanejo. Além disso, este é um período que coincide com a década em que as idéias republicanas buscavam adeptos na defesa da educação como mola propulsora do desenvolvimento do país.

É importante destacar que a composição do Almanaque feita por ilustrações coloridas que, intercaladas e atreladas significativamente ao texto escrito, falam por si, permitiu que fosse atribuído a elas também um papel de discurso. Assim, na descrição da fonte e nas reflexões a respeito da problemática apresentada por este trabalho, primei pela análise das imagens visuais, contudo não desconsidero a importância do discurso escrito.

Para elaborar minhas análises e construir meu discurso destaco referenciais como os de Le Goff (1996) e Lopes (2002), que me ajudaram a compreender meu objeto e fontes. Chartier (1988, 1994, 1999 e 2004), Derrida (1971, 1973), Eco (1986, 1991, 1995), que contribuíram para aprimorar meus conceitos de representação, práticas de leituras e interpretação. Tratando especificamente da educação foram usadas obras de Azevedo (1971), Carvalho (1989, 1998, 2003, 1997), Ferreira (2002), Leite (2002), Nagle (1974, 1976, 1990), Nunes (1986, 2000) e Verissimo (1985). Para a compreensão do universo

Lobatiano, no que se refere ao contexto de criação do Almanaque Biotônico Fontoura, considere as leituras de Azevedo (1997), Cardoso (2006), Lajolo (1985), Lobato (1950, 1957, 1961, 1982, 1994), Park (1998, 1999), Vasconcelos (1982) e Yunes (1982). Por vezes, a aproximação entre a Literatura e a História da Educação, levou-me à leituras de Alencar (1965a, 1965b), Amado (1995), Barbosa (1947), Gomes (1999), Hall (2003), Hunt (2001), Rosa (2006), Sevcenko (2001, 1983), e Sodré (1964). Outros autores como, Basbaum (1981), Gomes (1993, 2004), Lajolo (2002), Mader (1995), Meyer (2001), Hanayama (2010), Naxara (2002), Pires (1987) e Queiroz (2008), ainda que, não citadas diretamente neste trabalho, foram consultadas. Embora nem todas essas obras tratem especificamente da História da educação no Brasil, elas enfocam temas que condizem às discussões que proponho ao longo do trabalho. Afinal, de acordo com Nóvoa (1992, p. 2010) “não se escreve hoje a História da Educação como se escrevia nas décadas anteriores. Há que dizê-lo. Mas, não basta dizê-lo: há que assumi-lo na prática. Temos que ser audaciosos.”

Assim, durante o percurso que o leitor fará pelos meandros dessa produção acredito que os títulos dos autores selecionados são expressivos e sustentarão as reflexões acerca do objetivo principal da pesquisa que é desvendar as relações entre as representações do homem do campo, veiculadas no discurso do Almanaque Biotônico Fontoura, e sua proximidade com os ideais de educação para aquele período. Procuro identificar as particularidades desse Almanaque como material de leitura fecundo para análise das estratégias propagadoras de novos hábitos e condutas a serem assimilados pelos sujeitos nas primeiras décadas da República. E, embora, foco meu embase teórico na educação no Campo não quer dizer que a pesquisa trate especificamente deste assunto, mas ele torna-se importante à medida que o processo de construção do Almanaque teve como ponto de partida o sertanejo e seu contexto de vida.

Tratar de uma pesquisa teórica que utilizou como estratégia o “garimpo” de evidências da circulação do Almanaque no cotidiano escolar por meio de depoimento de sujeitos, que utilizaram o Almanaque no interior da escola, entrevistados por outros pesquisadores para a elaboração de trabalhos nem sempre ligados ao campo da educação.

Em meio a esse entrecruzar de leituras e diferentes discursos, optei em construir os títulos de cada sessão e seus respectivos subtítulos, ligando os campos literários e educacionais. Eles tanto revelam aspectos do meu olhar de historiador da educação como também aguçam o leitor a transplantar, em alguns momentos, as nervuras de um trabalho científico e historiográfico para o encantamento literário, sem que se percam as especificidades de cada campo. Afinal, são as linhas de conexão e relação entre as unidades históricas e literárias, que delinearão um conjunto de informações que desenvolverá o tema proposto e acrescentará dinamismo na leitura e compreensão do trabalho.

Didaticamente a disposição dos capítulos, a ordem das informações discursivas, aspectos educacionais, a integração dos discursos teóricos e literários que serviram de aportes obedecerão a seguinte ordem:

Começo a primeira sessão apresentando ao leitor minha fonte de pesquisa, o Almanaque Biotônico Fontoura. Para isso usei como artifícios a digitalização de uma edição do Almanaque e seguindo cada página interpretei as ilustrações associando-as ao texto escrito que as acompanham durante a narrativa. Em seguida, articulei reflexões acerca das descrições que fiz desse Almanaque em consonância às práticas de leitura e interpretações, que muitos leitores fizeram dele no cotidiano escolar do período que abordo.

Na segunda sessão conto ao leitor o histórico dessa pesquisa, os emaranhados da memória que estendidos ao discurso escrito resultaram em reflexões importantes para o desenvolvimento deste trabalho e ajudaram no entrecruzamento de fontes e aportes teóricos que somados propiciaram um diálogo com o passado. Ao abordar aspectos da história da educação nas primeiras décadas da República, identifico como o Almanaque Biotônico Fontoura encontrou na educação possibilidades para angariar o sucesso de suas tiragens. Também trago para a discussão reflexões tratando do por que da prática da leitura desse almanaque ter feito parte do cotidiano escolar.

Feito o histórico da pesquisa e apresentado a fonte de estudo, e o objeto de pesquisa, na terceira sessão faço um paralelo entre uma vertente do discurso educacional do período estudado e a literatura tendo o sertanejo como enfoque principal. Também fez parte dessa sessão um estudo abordando os limites

interpretativos de um texto considerando o que esta e o que não esta ao alcance do autor e/ou escritor, e em que isso se relaciona com o Almanaque do Biotônico Fontoura.

Ao término do trabalho busco apreender as reflexões que marcaram o seu processo de construção, as relações estabelecidas entre objeto e fonte; entre Literatura e Educação; entre sertão e sertanejo; entre práticas de leitura e representação. Buscando examinar e compreender essas relações, coloco em cena as tensões e os conflitos que elas causaram, e no âmbito da trama historiográfica da educação, convido o leitor a fazer parte dessa leitura.

2 BE A BA, BE É BÉ, BE I BI, O TÔNICO FONTOURA: APRESENTO-LHES O ALMANAQUE BIOTÔNICO FONTOURA

Parafraseando Monteiro Lobato: fácil é terminar um texto, basta colocar um ponto final. Difícil mesmo é começá-lo, saber o ponto inicial, se é que ele existe. É como mergulhar em um oceano, a vista que temos da superfície é ampla e linear, fácil de ser descrita, porém à medida que vamos mergulhando as visões se desdobram e a linearidade desaparece por completo. É aí que a história fica mais bonita, do que minha cabeça poderia imaginar.

Toda história tem sua própria história e nela vão se atrelando a história das suas personagens e ao longo do tempo, por intermédio dos leitores ou dos próprios autores, tanto as histórias como suas personagens também transformam-se. Alguns de seus trechos e/ou de suas características perpetuam-se enquanto outros aspectos são esquecidos, naufragam nas amarras do passado e só são lembrados caso o leitor ou interessado, mergulhe no tempo e encontre a parte esquecida dessas histórias, as quais, depois de observadas e refletidas, mostram-se àqueles que as observam não mais como esquecidas e sim como particularidades, às vezes pouco observadas. E então, descobrimos que o mergulho não era para resgatar e sim para revisitar com outros olhos aquilo que outrora já havia sido visitado. Por isso, convido o leitor a conhecer a fonte do meu trabalho de pesquisa, o Almanaque Biotônico Fontoura.

2.1 E SUAS IMAGENS FORAM DESCRITAS...

Pobre Jeca Tatuzinho! Ali, sentado, pés descalços, cotovelos apoiados nos joelhos e as mãos servindo de suporte para o rosto, este com aspecto cansado, e a cabeça inclinada para baixo evidencia um desânimo profundo e os olhos fechados não oferece ações que o levem a uma perspectiva de olhar, e tão pouco

ânimo para abri-los e arriscar uma olhadela. Roupas velhas, remendadas, barras dobradas até o meio da canela, destacando a fragilidade dos ossos e a fisiologia desnutrida da pele. Na cabeça um chapéu de palha, velho, de abas desfiadas, que mal dão conta de tampar o couro cabeludo. Atrás da orelha um cigarro de palha, que parece esquecido pelo próprio dono. Ao seu lado, de companhia, apenas um cachorro, provavelmente o fiel companheiro. Também está sentado, contudo seu aspecto físico, parece mais forte que o do Jeca. Com a cabeça levemente inclinada para cima, mesmo de olhos fechados, transmite a sensação de uma perspectiva de olhar. Neste sentido, se ambos abrissem os olhos, o primeiro avistaria a terra seca que lhe rodeia os pés e o segundo a amplidão do horizonte. Mas, independente da perspectiva os dois estão cercados por um campo vazio e de coloração amarela, que acentua aos olhos de quem vê a cena, a sensação de abandono, desanimo, miséria e falta de higiene.



Figura 1: Capa do Folheto Jeca Tatuzinho

Fonte: Almanaque Biotônico Fontoura (LOBATO, 1950).

Acima do sertanejo, em letras grandes e destacadas em negrito, o nome Jeca Tatuzinho. Seguindo uma formatação parecida, sobre o cachorro encontra-se o nome do autor, Monteiro Lobato. Na parte inferior direita o selo de qualidade do Instituto de Medicamentos Fontoura, e abaixo dos pés do Jeca uma tarja preta escrito em destaque *12ª edição – revista pelo autor – na qual se completam 10 milhões de exemplares – 1941*. É sob essa representação que o sertanejo é apresentado pelos Almanques Biotônico Fontoura.



Figura 2: Jeca de cócoras, opilado

Fonte: Folheto Jeca Tatuzinho (LOBATO, 1950, p. 1).

Ao abrir o Almanaque o leitor se depara com uma imagem tão chocante como a da capa. No primeiro plano da imagem está o Jeca Tatu, de cócoras, pés no chão, tronco do corpo encolhido, como se quisesse afundar por entre as pernas, ser sugado pelo próprio chão que sustenta seu peso. Ao fundo, uma velha casa construída a base de barro, escorada com paus e coberta de sapé. No terreiro, um porco ou dois porcos parecem fuçar a terra a procura de algo, e num

olhar mais atento parecem mais dispostos que o próprio Jeca, que em destaque na imagem mais parece um animal embrutecido, que propriamente um humano proprietário das terras que circundam o restante da imagem. Olhando de um modo geral, pode-se perceber que o ambiente parece abandonado, e o desleixo é evidente e perceptível na forma como as coisas são organizadas e no mal estado de conservação das construções. Contudo, a sensação de lugar inóspito e inabitável não parece se destacar, a terra tem um aspecto bom, saudável, parece apenas esperar que alguém tenha a disposição de administrá-la.

Mas, e o Jeca? Por que o Jeca não faz com que suas terras produzam?



Figura 3: Jeca semeando

Fonte: Folheto Jeca Tatuinho (LOBATO, 1950, p. 2).

Na página 2 do Almanaque temos duas imagens do Jeca, na primeira ele aparece com um feixe de lenhas nos ombros e em pé apoiando-se em uma foice. Fraco, esfarrapado, sujo, magro, parece não suportar o peso do próprio corpo e este parece ainda mais insuportável se acrescentado a pequena quantidade de gravetos que carrega. A impressão é que se tirar-lhe a foice o Jeca vai ao chão. Na segunda figura o Jeca semeia a terra, contudo, esta não está sequer preparada para receber as poucas sementes que estão no interior do seu velho chapéu de palha. Elas são jogadas no chão como se já fosse esperado do semeador a não germinação de suas sementes. Nas duas figuras temos em evidencia a falta de cuidado que o Jeca tem com sua propriedade rural e com o próprio corpo, que também não deixa de ser uma propriedade sua.



Figura 4: Jeca dormindo

Fonte: Folheto Jeca Tatuzinho (LOBATO, 1950, p. 3).

Mas, por que o Jeca age dessa forma? “Quá! Não paga a pena” (LOBATO, 1950, p. 3). E lá está o Jeca deitado sob um monte de terra, tendo a cabeça apoiada em seu chapéu e no colo tem, calmamente, um leitão dormindo. Do lado esquerdo, na altura dos cotovelos encontra-se um litro de cachaça, possivelmente tenha tomado alguns goles antes de dormir ou para dormir. Um pouco mais ao fundo, na parte esquerda da imagem, a foice e um cesto, suas poucas e rudimentares ferramentas de trabalho, abandonadas por seu proprietário, se é que algum dia foram reconhecidas como instrumentos de trabalho a julgar pelo aspecto representativo de Jeca que nos foi apresentado até o momento.

O que lhe causa tamanho desânimo Jeca? Eis que aquele que dará a resposta surge.

A sezão também produz anemia, moleza e esse desânimo do amarelão; mas é diferente. Conhece-se a maleita pelo arrepio ou calafrio que dá, pois é uma febre que vem sempre em horas certas e com muito suor. Quem sofre de sezão sara com o MALEITOSAN FONTOURA. Quem sofre de amarelão sara com a ANKILOSTOMINA FONTOURA. Eu vou curar você.

VI

O doutor receitou-lhe um vidro de ANKILOSTOMINA FONTOURA, para tomar assim: seis comprimidos hoje pela manhã e outros seis amanhã de manhã.

— Faça isso duas vezes, com espaço de uma semana. E de cada vez tome também um purgante de sal amargo, se duas horas depois de ter ingerido a ANKILOSTOMINA não tiver evacuado. E trate de comprar um par de botinas e alguns vidros de BIOTÔNICO e nunca mais me ande descalço, nem beba pinga, ouviu?

— Ouvi, sim, senhor!

— Pois é isso, rematou o doutor,



tomando o chapéu. A chuva já passou e vou-me embora. Faça o que mandei, que ficará forte, rijo e rico como o italiano. Na semana que vem estarei aqui de volta.

— Até por lá, seu doutor!

Jeca ficou cismando. Não acreditava muito nas palavras da Ciência, mas por fim resolveu comprar os remédios, e também um par de botinas ringideiras.

Nos primeiros dias foi um horror. Ele andava pisando em ovos. Mas acostumou-se, afinal.

VII

Quando o doutor voltou, Jeca estava bem melhor, graças à ANKILOSTOMINA e ao BIOTÔNICO. O doutor mostrou-lhe com uma lente o que tinha saído das suas tripas:

— Veja, seu Jeca, que bicharia tremenda estava você a criar na barriga! São os tais **ancilóstomos**, uns bichinhos dos lugares úmidos, que entram pelos pés, vão varando pela carne adentro até alcançarem os intestinos. Chegando lá, grudam-se nas tripas e escangalham com o freguês.



4

Figura 5: Jeca recebendo a visita do Dr. Fontoura
Fonte: Folheto Jeca Tatuinho (LOBATO, 1950, p. 4).

Na página 4 do almanaque temos as imagens do Jeca recebendo a visita de um médico, o Dr. Fontoura, que à primeira vista diagnostica o Jeca, contudo, chama a atenção a forma como o doutor é apresentado, trata-se de um homem robusto, óculos acentuando-lhe não o problema na visão, mas a intelectualidade, as roupas são de tecidos bons, estão limpas e bem passadas. A discrepância de um em relação ao outro é muito grande. O doutor o receita *Ankilostomina* Fontoura e alguns vidros de Biotônico, estes seriam os medicamentos que deixariam o corpo do Jeca livre das mazelas e forte suficiente para administrar suas terras e nelas produzir não apenas o alimento, mas também contribuir para o seu auto desenvolvimento e o do país. Quanto ao doutor, este lhe servirá não apenas como aquele que apresenta ao Jeca os poderes da ciência mas também aquele que lhe apresentará a higiene e a educação como princípios básicos para o desenvolvimento.

Tomando a ANKILOSTOMINA, você bota fora todos os **ancilóstomos** que tem no corpo. E andando sempre calçado, não deixa que entrem os que estão na terra. Fazendo isso e fortalecendo-se com alguns vidros de BIOTÔNICO, ovos e leite, você fica livre da doença, para sempre.

Jeca abriu a boca, maravilhado.

— Os anjos digam amém, seu doutor!

VIII

Mas Jeca não podia acreditar numa coisa: que os bichinhos entrassem pelo pé. Ele era “positivo” e dos tais que “só vendo”. O doutor resolveu abrir-lhe os olhos. Levou-o a um lugar úmido, atrás da casa, e disse:

— Tire a botina e aêde um pouco por aí.

Jeca obedeceu.

— Agora venha cá. Sente-se. Bote o pé em cima do joelho. Assim. Agora examine a pele com esta lente.

Jeca tomou a lente, olhou e percebeu vários vermes pequeninos que já estavam penetrando na sua pele, através dos poros. O pobre homem arregalou os olhos, assombrado.

— E não é que é mesmo? Quem “havera” de dizer!...

— Pois é isso, seu Jeca, e daqui por diante não duvide mais do que disser a Ciência.

— Nunca mais! Daqui por diante dona Ciência está dizendo, Jeca está jurando em cima! Tesconjuro! E pinga, então, nem pra remédio!...

teceu direitinho! Três meses depois ninguém mais conhecia o Jeca. A ANKILOSTOMINA curou-o do amarelão. O BIOTÔNICO deixou-o bonito, corado, forte como um touro.

A preguiça desapareceu. Quando ele agarrava no machado, as árvores tremiam de pavor.

Era, **pá, pá, pá...** horas seguidas, e os maiores paus não tinham remédio senão cair.

E Jeca, cheio de coragem, botou abaixo um capoeirão, para fazer uma roça de três alqueires. E plantou eucaliptos nas terras que não se prestavam para cultura. E consertou todos os buracos da casa. E fez um chiqueiro para os porcos. E um galinheiro para as aves. O homem não parava, vivia a trabalhar com fúria que espantou até o seu vizinho italiano.

IX

Tudo o que o doutor disse acon-

5

Figura 6: Jeca e Dr. Fontoura

Fonte: Folheto Jeca Tatuzinho (LOBATO, 1950, p. 5).

Em decorrência da visita do Dr. Fontoura a vida do Jeca começa a mudar em todos os aspectos, tanto àqueles ligados ao físico como àqueles ligados aos hábitos de higiene e educação. Note que na figura ele já aparece usando sapatos, uma das primeiras atitudes tomadas pelo doutor para ajudar na recuperação do Jeca. Isso acontece, porque de acordo com o diagnóstico o que impossibilita este caipira de trabalhar são os vermes que adentram ao corpo pelo contato direto dos pés com o solo infectado. O uso do sapato é tão importante que na figura aparece em destaque, inclusive a parte do solado é a que mais aparece.



Figura 7: Jeca Tatu torna-se saudável

Fonte: Folheto Jeca Tatuzinho (LOBATO, 1950, p. 6).

Na figura acima o doutor aparece novamente consultando o pobre Jeca, dessa vez mostra ao sertanejo, com o uso de uma lupa, os vermes que estão alojados em seus pés e explica-lhe que, embora invisível aos olhos e milhões de

vezes menor que o ser humano, aqueles vermes são os causadores de toda a moléstia do Jeca. Observe o leitor que o ambiente ainda é caracteristicamente pobre, as paredes com rachaduras e mal conservadas, o Jeca ainda aparece abatido e com o cigarro de palha atrás da orelha. Por outro lado as roupas não estão rasgadas nem sujas. Um detalhe na figura que chama atenção é o cachorro, que também presta atenção na conversa e olha fixamente para o pé do Jeca dando a impressão que também vê e entende as causas de todos os problemas físicos que assolam tanto ele como seu dono, o Jeca Tatu.

Como em um passe de mágica, o Jeca aparece na próxima figura totalmente transformado, a impressão é que da noite para o dia tornou-se um homem robusto, forte, determinado, corajoso e capaz de transformar também o ambiente que vive, pois a casa que aparece ao fundo da imagem não é mais aquela de aspecto rudimentar, mal conservada e suja. Em relação à terra, esta também aparece com características mais produtivas, especialmente ao considerarmos a postura do Jeca em primeiro plano, usando roupas novas, sapatão, camisa com mangas arregaçadas acima dos cotovelos, salientando os músculos que adquirira e a força executada por estes, visto que empunha um machado de forma valente e convicta de interesse pelo trabalho. Visão bem diferente daquela em que aparecia apoiado em uma foice como se esta fosse a base de sustentação do seu corpo.



Figura 8: Jeca Tatu torna-se um homem valente
Fonte: Folheto Jeca Tatuzinho (LOBATO, 1950, p. 7).

A coragem, característica mencionada na descrição da figura anterior, ganha maior destaque nesta, na qual o Jeca aparece surrando uma onça e deixando outra com medo. Tornara-se um homem valente, capaz de enfrentar qualquer coisa, inclusive aquilo que antes eram ameaças que ofereciam grande perigo. O Jeca passara da condição de incapaz para a de capaz, de doente para a de saudável, de fraco para a de forte, de sujo para a de limpo e higiênico.

XII

Dava gosto ver suas roças. Comprou arados e bois, e não plantava nada sem primeiro afogar a terra. O italiano abriu a boca, admirado, e confessava nunca ter visto roças assim.

E Jeca já não plantava rocinhas, como antigamente. Só queria saber de roças grandes, cada vez maiores, que fizessem inveja no bairro.

E se alguém lhe perguntava:

— Mas para que tanta roça, homem? — ele respondia:

— É que agora quero ficar rico. Não me contento em trabalhar para viver. Quero cultivar todas as minhas terras, e depois formar aqui duas enormes fazendas — a Fazenda Ankilostomina e a Fazenda Biotônico. E hei de ser até coronel.

E ninguém duvidava mais. O italiano dizia:

— E forma mesmo! E vira mesmo coronel! *Per la Madonna!*...



XIII

Por esse tempo o doutor passava por lá e ficou admiradíssimo com a transformação do seu doente.

Esperava que ele sarasse, mas contara com tal mudança.

Jeca o recebeu de braços abertos e apresentou-o à mulher e aos filhos.

Os meninos cresciam viçosos e iam brincando, contentes com os passarinhos.

E toda gente ali andava calçada. O caboclo ficara com tanta fé no caboclo, que metera botina até nos pés dos animais caseiros!

Galinhas, patos, porcos, todos com sapatinhos nos pés! O galo, essa coisa de bota e espora!

— Isso também é demais, Jeca, disse o doutor. Isso é contra a natureza!

— Bem sei. Mas quero dar exemplo a essa caipirada brasileira. Eles vêm aqui, vêem isso e não esquecem mais da história.



Figura 9: Jeca Tatu trabalhador e empreendedor
Fonte: Folheto Jeca Tatuzinho (LOBATO, 1950, p. 8).

Olhos avante, a prosperidade esta logo ali! É a impressão que as duas figuras transmitem. Sendo que a primeira mostra o Jeca totalmente revigorado e levando um feixe enorme de lenha na cabeça e parece não sentir qualquer dificuldade. Na segunda figura, temos apenas a imagem sombreada do Jeca, que olha o horizonte, apontando para o mesmo, como se estivesse apresentando a nós leitores, todo o seu processo de desenvolvimento, seus ganhos positivos, suas conquistas. A figura, inclusive, remete o leitor ao típico desbravador Norte

Americano, uma postura ereta, peito levemente posicionado para frente, como se estivesse impulsionando seu físico ao pensamento empreendedor.



Figura 10: Jeca Tatu rico e fazendeiro

Fonte: Folheto Jeca Tatuzinho (LOBATO, 1950, p. 10).

Essa idéia de empreendedorismo baseada num modelo e/ou exemplo norte americano, torna-se mais evidente nas figuras que seguem. Em uma delas o Jeca dirigindo um modelo Ford carregado de porcos, os quais parecem ter orgulho de serem propriedades de tal fazendeiro. Na carroceria, estampado em letras negritas o nome da fazenda “Biotônico”, enfatizando ainda mais a eficácia desse

medicamento para o progresso e desenvolvimento físico e mental do sertanejo. Na outra figura o Jeca aparece montado em um cavalo de raça, provavelmente um Puro Sangue, cor preta e imponente no andar marchado. Em relação àquele que o monta, neste caso o Jeca, usa roupas alinhadas ao físico robusto, aparentemente feitas sob medidas, substituiu o cigarro de palha por um charuto e o chapéu surrado e desproporcional à sua cabeça, por um Panamá legítimo.



Figura 11: Jeca Tatu e tecnologia

Fonte: Folheto Jeca Tatuzinho (LOBATO, 1950, p. 11).

Não foi apenas o Jeca que transformou-se, sua propriedade e sua forma de trabalho também. Nesta figura, uma das ultimas do almanaque, ele encontra-se em uma sala, sentado em uma poltrona, assistindo por uma televisão as imagens gravadas de seus funcionários trabalhando. Isso mesmo leitor! Agora o Jeca passou da condição de trabalhador à de patrão. No interior da sala estão uma série de outros objetos modernos para a época, como por exemplo, telefones de vários modelos, relógios, painel com botões de controle para ativar mecanismos capazes de tratar dos animais sem precisar da mão de obra humana. Partindo do princípio que essas práticas não eram procedidas para aquela época, diria que essa figura é a marca evidente de um modelo de progresso sob o ponto de vista de Lobato.

**ANKILOSTOMINA
BIOTÔNICO FONTOURA**

XVIII

Meninos: nunca se esqueçam desta história; e, quando crescerem, tra-

tem de imitar o Jeca. Se forem fazendeiros, procurem curar os camaradas. Além de ser para eles um grande benefício, será para vocês um alto negócio. Vocês verão o trabalho dessa gente produzir três vezes mais.

Um país não vale pelo tamanho, nem pela quantidade de habitantes. Vale pelo trabalho que realiza e pela qualidade da sua gente.

Ora, ter saúde é a grande qualidade de um povo. Tudo o mais vem daí. E o grande remédio que combate o amarelão, esse mal terrível que tantos braços preciosos rouba ao trabalho, é a ANKILOSTOMINA. Assim como o grande conservador da saúde, que produz energia, força e vigor, chama-se BIOTÔNICO FONTOURA.

BIOTONICO FONTOURA
O Mais Completo Fortificante.

ANKILOSTOMINA FONTOURA

12

Figura 12: Jeca Tatu aconselhando os jovens
Fonte: Folheto Jeca Tatuzinho (LOBATO, 1950, p. 12).

Sem perder de vista um dos objetivos principais do Almanaque, que era divulgar os medicamentos Fontoura, as duas últimas figuras do livreto são: a primeira o Jeca conversando com as pessoas a respeito da importância do uso dos produtos do laboratório Fontoura, especialmente o Biotônico Fontoura, o qual de acordo com ele era responsável em produzir força, energia e vigor. E a última figura trata de uma caricatura de perfil do farmacêutico Fontoura, aconselhando duas crianças a serem como o Jeca, se fazendeiros tratarem bem da saúde de seus funcionários e da sua educação.

3 ENTRE O BIOTÔNICO FONTOURA E O JECA TATUZINHO: AS LIÇÕES DE UM ALMANAQUE QUE FICARAM NA MEMÓRIA

Nesta parte do trabalho apresento aspectos relacionados ao porque do meu interesse em usar o Almanaque Biotônico Fontoura como fonte pesquisa. Enfoco os conceitos de sertão e sertanejo, e o contexto sócio/educacional que o Almanaque estava inserido. Estabeleço relações e faço reflexões que averiguarão se minhas hipóteses são condizentes ou não.

2.1 A DESCOBERTA DA GOSTOSURA: QUANDO TUDO ACONTECEU...

O interesse pelo Almanaque e os textos da personagem Jeca Tatu é algo que trago da adolescência, quando tive meu primeiro contato, na década de 1980, com o *Almanaque Biotônico Fontoura*, o que aconteceu após o término de suas edições datadas de 1982. Naquele momento, eu estudava em uma escola rural no interior do estado do Paraná, e o almanaque circulava na escola e era adotado pelos professores. Isso proporcionou a mim e provavelmente em uma série de outras crianças em idades parecidas, por consequência, um contato considerável com esta literatura a ponto de não nos esquecermos da história daquele tal personagem Jeca Tatuzinho.

As imagens visuais do Jeca Tatu, veiculadas pelo Almanaque, me parece produzir na memória coletiva de muitas gerações uma representação do sertanejo, do homem do campo brasileiro como aquele que vivia na fronteira das idéias progressistas. Durante muito tempo essa idéia me incomodou, a ponto de ter se transformado em tema de discussão de minha monografia de especialização em Pesquisa Educacional que fiz no ano de 2008. Uma das minhas preocupações era problematizar essa personagem de Monteiro Lobato, que durante quase um século foi arraigando na mentalidade, ao menos das

peessoas de meu convívio, uma imagem de sertanejo relacionada à preguiça, desnutrição, sujeira e falta de iniciativa. Recomendações que me acompanharam desde a época da escola; “não sejam como o Jeca Tatu”. Era o que dizia por um lado minha primeira professora para toda a classe. Por outro, Lobato ao final da história dizia “crianças, quando cresceres tratem de imitar o Jeca”. Entre essa dualidade de recomendações, por que depois de quase um século de seu lançamento as pessoas ainda trazem na mente algumas associações a respeito do Jeca Tatu e nem sempre elas condizem com aquilo que o autor aconselhou ao final do próprio texto do Jeca nos *Almanaques Fontoura*?

Nesse sentido, as implicações que desenvolvi tiveram seu auge após ler *Documento/Monumento* (1996), e *Memória* (1996) do historiador Le Goff. Ao estudá-lo, não tencionei minhas reflexões tendo como norte preocupações ligadas aos conceitos dos termos documento/monumento. Apesar de reconhecer que poderiam ser um dos caminhos a serem problematizados, parti, em meu estudo, da possibilidade substancial de vislumbrar o *Almanaque Biotônico Fontoura* não apenas como documento, mas também como monumento.

A concepção do documento/monumento é, pois, independente da revolução documental e entre os seus objetivos esta o de evitar que esta revolução necessária se transforme num derivativo e desvie o historiador do seu dever principal: a crítica do documento – qualquer que ele seja – enquanto monumento. O documento não é qualquer coisa que fica por conta do passado, é um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de forças que aí detinham o poder. Só a análise do documento enquanto monumento permite à memória coletiva recuperá-lo e ao historiador usá-lo cientificamente, isto é, com pleno conhecimento de causa (LE GOFF, 1996, p. 545).

Dirigindo-se então ao estudo desse almanaque com um olhar de historiador, questionando-o a cada momento para aos poucos conhecê-lo em sua forma monumental e não apenas de documento, percebi que para responder à indagação que me levou ao interesse pela pesquisa, precisava entendê-la mais a fundo.

Memória? Me parece que a professora, meus pais e outras pessoas do meu convívio internalizaram uma memória a respeito da personagem de Lobato.

Embora, no Almanaque a personagem Jeca Tatu tenha no final da história se transformado em um rico fazendeiro, um provável exemplo a ser seguido pela população rural, o que ficou de fato presente na mente dessas pessoas foi a imagem inicial do Jeca, antes de tornar-se fazendeiro. Um homem que de acordo com Lobato “era um pobre caboclo que vivia no mato, numa casinha de sapé [...] passava os dias de cócoras [...] sem ânimo de fazer coisa nenhuma” (LOBATO, 1950, p. 1). Embora o Jeca, no transcorrer da história passe por um processo de transformação, que viria a proporcionar-lhe um futuro próspero, é a primeira imagem que fica no imaginário coletivo.

Em 1920, quando o primeiro exemplar do Almanaque foi lançado, o país passava por um processo de desenvolvimento e progresso que estava pautado na educação e saúde. Era preciso educar a população e paralelo a isso curá-la das mazelas comuns da época, que eram as doenças típicas dos trópicos, como por exemplo, a desnutrição e a anemia. Segundo Lopes (2002, p. 21):

Tal publicação se inscreve no projeto de reforma e de civilização do Estado brasileiro no início do século XX, com vistas à formação de pessoas sadias, moralmente aptas e úteis para a construção do progresso. De caráter pedagógico e ‘esclarecido’, este almanaque serviu bem os objetivos políticos explicitados, tendo como personagem de divulgação de tais propósitos o ‘Jeca Tatuzinho’ de Monteiro Lobato.

Minha hipótese é a de que ao se apropriar dos ideais políticos que circulavam nos discursos progressistas para a nação e enquadrá-lo de modo subjetivo no texto de Jeca Tatuzinho, Lobato intencionalmente ou não, conseguiu criar uma ferramenta capaz de produzir uma representação e uma memória do sertanejo. Neste sentido, minha hipótese é a de que o Almanaque contribuiu para a produção de uma representação do sertanejo, transformando-a em memória coletiva.

Mas, será que essa imagem de sertanejo condizia com a realidade física e social de todos os homens que viviam no ambiente rural daquela época? Minha hipótese é de que não corresponderia. Por que então a representação do sertanejo como doente e vítima das mazelas sociais se propagou?

Neste momento trago para o texto algumas discussões sugeridas por Stuart Hall em *A Identidade Cultural na pós-modernidade* (2003), na qual estabelece alguns conceitos de identidade e salienta a complexidade deste assunto.

A formação de uma cultura nacional contribuiu para criar padrões de alfabetização universais generalizou uma única língua vernacular como o meio dominante de comunicação em toda a nação, criou uma cultura homogênea e manteve instituições culturais nacionais, como por exemplo, um sistema educacional nacional (HALL, 2003, p. 50).

A cada leitura percebia que a possibilidade de a representação de sertanejo, contida no Almanaque, ter sido criada com base numa visão que ao buscar padronizar os hábitos e costumes dos sujeitos destituía e desqualificava seu modo de existência. Ao estabelecer novos paradigmas que iriam estruturar a sociedade brasileira e impulsioná-la ao desenvolvimento, almejando alcançar uma qualidade de vida que possibilitasse à população o bem estar nos seus mais variados aspectos, os intelectuais responsáveis pelos projetos políticos nacionais daquele tempo, parecem ter partido de uma concepção de cultura padronizante parecida com aquela explicitada por Hall (2003, p. 59), para difundir um projeto de nação para o Brasil.

Não importa quão diferentes seus membros possam ser em termos de classe, gênero ou raça, uma cultura nacional busca unificá-los numa identidade cultural, para representá-los todos como pertencendo a mesma e grande família nacional [...] essa idéia está sujeita à dúvidas, por várias razões. Uma cultura nacional nunca foi um simples ponto de lealdade, união e identificação simbólica. Ela é também uma estrutura de poder cultural.

O Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova (2009), por exemplo, foi um documento que idealizou um projeto de educação partindo do princípio que o sujeito brasileiro, em sua totalidade, precisava atingir um grau de conhecimento suficiente para colocá-lo na situação de sujeito ativo e possuidor de uma cultura

capaz de proporcionar-lhe uma participação efetiva na sociedade moderna e científica que se avizinhava. Neste sentido, a defesa pela educação afigurou como um grande desafio, assim:

Na hierarquia dos problemas nacionais, nenhum sobreleva em importância e gravidade ao da educação. Nem mesmo os de caráter econômico lhe podem disputar a primazia nos planos de reconstrução nacional. Pois, se a evolução orgânica do sistema cultural de um país depende de suas condições econômicas, é impossível desenvolver as forças econômicas ou de produção, sem o preparo intensivo das forças culturais e o desenvolvimento das aptidões à invenção e à iniciativa que são os fatores fundamentais do acréscimo de riqueza de uma sociedade (MANIFESTO dos Pioneiros, 2009 - arq. online).

A educação para todos os sujeitos é mote no discurso de muitos intelectuais e publicistas da época. O importante a destacar é que as intenções dessa educação seria a de homogeneizar culturalmente os sujeitos. Aplicando esse ideal ao sertanejo pode-se perceber que o mesmo acabou por destituir o homem do campo de seu lugar, respondendo a um único conceito de cultura sanitária universalizante e hierárquica, acabou por descartar a pluralidade e a singularidade de uma medicina baseada na tradição familiar. Desenvolver comportamentos e hábitos de higiene e saúde, a partir da visão científica, era o que intencionava o Almanaque.

Neste sentido, as reflexões de Hall (2003, p. 7) corroboram com essas afirmativas. De acordo com esse autor, “as velhas identidade, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado”. Foi com esse argumento que o autor nos aponta a dualidade pela qual passam os estudos atuais que buscam agregar valores ligados às identidades culturais e nos levou a questionar sobre as representações, muitas vezes estereotipadas, que acabaram por se perpetuar. Isto sustenta minha tentativa de rastrear outras representações do sertanejo brasileiro que não fosse aquela pautada na imagem visual do Jeca Tatu, mas que tivesse circulado paralelamente a esse.

Considere o diagnóstico conduzido por Hall (2003) quando ressaltou a problemática acerca das questões culturais ao lidar com a busca de novos conceitos identitários, e nesse contexto fui destituindo a concepção de uma estrutura racional de identidade e ao mesmo tempo passando por um processo de construção de um novo discurso compreendendo a importância da subjetividade existente na combinação do “eu” e do “nós” que levou tanto as identidades individuais quanto as coletivas a romperem com padronizações e hierarquizações.

Inspecionando uma representação produzida do sertanejo que percebi o poder que as práticas de leitura inserem ao contexto que atuam. Mais especificamente, o quanto que a leitura do Almanaque contribui para a propagação de uma imagem estereotipada do sertanejo brasileiro. E no ínterim da minha produção não foi apenas o olhar para o Almanaque que me levou a outras reflexões, mas o conceito de sertão e educação do sertanejo somadas a ele.

3.2 UM OLHAR PARA O SERTÃO: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE OS CONCEITOS DE SERTÃO E A EDUCAÇÃO DO SERTANEJO

... e então podemos dizer que com cada olhar atento ao mundo já estamos teorizando (Goethe).

As considerações que trago abaixo e compartilho tratam de reflexões acerca de representações de sertão sob o ponto de vista de movimentos literários e educacionais que assolaram o Brasil ao longo do período que recorto na pesquisa. Ressalto que, ao fazer uso de um discurso ora com base na literatura ora no pedagógico, não implica em ignorar as discrepâncias entre esses discursos e nem os ideários que cada um produz. Aqui, a intenção é justamente trazer a tona o terreno fértil dos olhares diversos produzidas em torno do sertão e da educação daqueles que o habitavam.

O que pretendo é mostrar ao meu interlocutor que o conceito de sertão e educação do sertanejo esta povoado de acontecimentos que podem ser expostos

de acordo com a lógica pela qual cada autor organiza os fatos no momento de sua produção.

A título de informação, e por serem as análises interpretativas de sertão e educação comuns em pesquisas acadêmicas, possibilitando ao historiador da educação uma vasta gama de fontes, revelo de antemão que os artistas e intelectuais contemplados aqui foram aqueles, que de uma forma ou de outra contribuíram para os estudos relacionados ao sertão e a educação do sertanejo.

Começo destacando o conceito de sertão. O uso da palavra sertão para denotar um espaço particular de referência ao Nordeste brasileiro é muito comum na atualidade. Mas, isso é algo que particularmente me incomoda. No Dicionário Priberam (2009) a palavra “certão” corrompido para o Português para “sertão” teve seu significado traduzido por lugar entre terras, interior, sítio longe do mar, mato distante da costa, tendo sua origem no latim pela expressão *Lócus mediterraneus*, ou seja, lugar que fica no meio ou no centro das terras.

Dessa maneira, neste trabalho, a palavra sertão assume o conceito como relativo a todo interior do país e não apenas uma região em específico, fazendo o mesmo com outras palavras que derivaram dessa, como é o caso de sertanejo, que aqui tratarei como todo aquele que habita a área rural do interior do país independente da região.

Durante muito tempo o sertão fez apenas parte do imaginário de alguns autores, era uma terra supostamente desabitada, muitas expectativas eram feitas a respeito do que poderia proporcionar o desbravamento desta terra. Talvez por isso, muito do que era escrito encontrava-se diretamente ligado à idealização de um sertão. José de Alencar em *O Sertanejo*, publicado pela primeira vez em 1875, é um exemplo desse lugar idealizado e romantizado que perpassou pela mente dos poucos brasileiros que tinham acesso a leitura naquela época e aos poucos foi dando lugar a novas concepções.

De dia em dia aquelas remotas regiões vão perdendo a primitiva rudeza, que tamanho encanto lhes difundia. A civilização que penetra pelo interior corta os campos de estradas, e semeia pelo vastíssimo deserto as casas e mais tarde as povoações. Não era assim no final do século passado, quando apenas se encontravam de longe em longe extensas fazendas, as quais ocupavam todo o espaço entre as raras freguesias espalhadas pelo interior da província (ALENCAR, 1965a, p. 527).

Essa forma de representação literária começou a perder espaço e outra de caráter mais realista ganhou atenção. Guimarães Rosa (1908-1967), Euclides da Cunha (1866-1909), Monteiro Lobato (1882-1948), são alguns entre tantos outros que por meio de suas obras ficcionais submeteram a palavra sertão a uma vasta gama de significações semânticas. “o sertão aceita todos os nomes: aqui é o Gerais, lá é o chapadão, acolá é a caatinga” disse Guimarães Rosa em *Grande Sertão Veredas* (2006).

Indo além do apresentado por Rosa (2006), cito outras definições importantes e derivadas desse semanticismo como: Sertão de Dentro: termo usado para designar a fronteira do Amazonas com a Venezuela, Sertão de Fora: para a fronteira do Rio Grande do Sul com o Uruguai, Interior Paulista, Campos Gerais, Pampas Gaúcho entre outros. Todos com suas características próprias, que inclusive foram as responsáveis pelas denominações que atualmente recebem, mas, considerando apenas a etimologia da palavra, todos esses lugares poderiam ser chamados apenas de sertão.

Esse espaço geográfico também serviu de inspiração para autores como Monteiro Lobato, que aproveitou uma suposta realidade do interior paulista para chamar a atenção dos políticos acerca do interior do país. Essa também foi uma tendência literária que levantava questões problemáticas e propunha alternativas múltiplas para proporcionar uma melhor qualidade de vida para os habitantes dessas regiões e acabavam imbricando projetos políticos com literatura de linguagem imaginativa porém, de fácil acesso visto que o objetivo principal era denunciar as mazelas do campo e não romantizá-lo.

As velhas camadas de húmus destruídas; os sais preciosos que, breve, as enxurradas deitaram fora, rio abaixo, via oceano; o rejuvenescimento florestal do solo paralisado e retrógrado; a destruição das aves silvestres e o possível advento de pragas insetiformes; a alteração para pior do clima e aramados perdidos; o gado morto ou depreciado pela falta de pasto; as cento e uma particularidades que dizia respeito a esta ou aquela zona e, dentro delas, a esta ou aquela ‘situação agrícola’ (LOBATO, 1957, p. 140).

Escrevendo com detalhes descritivos e objetivos, Lobato (1957) circunscreveu no imaginário dos leitores problemas percebidos praticamente em todo o interior do país, como por exemplo, a não efetivação concreta dos ideais educativos propostos pela república.

O Brasil não era um São Paulo, enxerto do garfo italiano, nem o Rio artificial de português. O Brasil está no interior, onde o sertanejo vestido de couro vasqueja nas coxilhas onde se domam potros. Está nas caatingas estorricadas pela seca, onde o bondiorno cria dramas, angústias e dores intermináveis à gente litorânea (LOBATO, 1961, p. 275).

Essa região tão complexa que é o sertão brasileiro tornou-se texto e contexto e suas representações foram moldadas de diversas formas, independente de paradigmas, classes, culturas, posições teóricas, políticas ou quaisquer que sejam os diálogos travados ao longo da história.

Para os historiadores, o grande valor da literatura moderna reside em sua predisposição a explorar o movimento da linguagem e do significado em todos os aspectos da experiência social, política e pessoal. Os escritores criativos foram muito além das 'antigas e estáveis concepções de mundo que forçavam a produzir uma cópia literal de uma realidade supostamente estática', eles percebem que todas as descrições do mundo permanecem abertas à contestação (HUNT, 2001, p. 159).

A par desse viés literário temos outro, o pedagógico. Os discursos e os ideários de educação trazidos à época para o sertão não foram menos complexos. Grande era a importância da educação naquele momento. Os intelectuais daquele período atribuíram à educação parcela considerável de responsabilidade na solução das mazelas sociais, pois acreditavam que reformulando-a completamente teriam em contrapartida uma aceleração positiva ao desenvolvimento de toda a nação.

Se isto consiste numa estratégia discursiva de tipo persuasivo que constituiu a campanha justificando-a, atraindo-lhe adeptos, dando-lhe coesão etc., é, ao mesmo tempo, uma operação que, ao fazê-lo, mistura signos de razões e crenças, resíduos teóricos, linguagens de temores e esperanças, exemplos, imagens, prescrições, amalgamando tais formações discursivas na constituição da causa educacional. [...] Na oposição constituída por imagens de um país presente lastimado e condenado e de um país futuro desejado, país de prosperidade, é que constitui a importância da educação como espécie de chave mágica que viabilizaria a passagem do pesadelo para o sonho (CARVALHO, 1997, p. 115).

Esse refletir sobre a educação nacional é também uma espécie de procissão rumo ao sertão. Um cortejo móvel que tinha seus objetivos bem definidos, proporcionar educação a todos, e seus adornos eram a reprodução e materialização de um simbolismo ufanista que via no interior do país o brasileiro nato.

Contudo, esse interior ainda era representado de forma negativa, tanto nos aportes teóricos como literários. O discurso literário de Lobato (1982) e o teórico de José Veríssimo (1985), por exemplo, abordam o interior do país como sendo um espaço que ainda lidava com atrasos políticos, sociais, culturais, educacionais, etc.

Não é no Rio de Janeiro, cidade cosmopolita e artificial, que devemos estudar o Brasil, mas na província, no interior. [...] Nada mais miserável, mais triste, mais sem atrativos a não serem os da natureza, do que as povoações do nosso interior, condecoradas algumas, verdadeiras aldeias, com o pomposo título de cidades. Para todos os efeitos da vida, dir-se-iam cidades mortas (VERÍSSIMO, 1985, p. 63).

Embora ter escrito em época diferente, Lobato (1982) pertenceu a um grupo de intelectuais que defendia que o sertão além de passar por um processo revolucionário de educação, também precisava se adequar aos novos moldes econômicos nacional. Ao relançar no mercado editorial a personagem Jeca Tatu,

o autor produziu a representação visual de um típico brasileiro indolente, desanimado, sem perspectivas de futuro e acometido por mazelas epidêmicas como amarelão e desnutrição. Mas, a transformação da personagem em um rico fazendeiro, alimentava a expectativa de que a higiene e a educação seria o motor do progresso do país

As referências à obra educacional determinam-na como reiterada operação de apagamento do presente e promessa de um futuro grandioso. Nela, a figura de um brasileiro doente e indolente, apático e degenerado, perdido na imensidão do território nacional – Jeca Tatu, em cuja representação exemplar confluem determinismos cientificistas de várias ordens – representa, alegoricamente, a realidade lastimada (CARVALHO, 1997, p. 121).

Esta realidade lastimada despertou em vários intelectuais um interesse particular pelo interior brasileiro, mais especificamente pelo ambiente rural, pois viam nesse espaço a possibilidade de um avanço positivo rumo ao bem estar da nação. Monteiro Lobato no Almanaque Biotônico Fontoura, por exemplo, visionava um sertão mecanizado, gerando rendas promissoras, homens progressistas e preparados para o mercado de futuro que almejava ao Brasil. Mas, para isso era preciso preparar a população e a educação era para aquele pensamento o caminho mais viável.

Embora tenha privilegiado os enfoques estéticos e educacionais de Guimarães Rosa, José de Alencar, Marta de Carvalho e Fernando de Azevedo não posso concluir que esses autores foram os responsáveis em determinar e restringir os conceitos aqui discutidos. Na verdade recorri a eles como fundamentação teórica de investigação de um tema, conseqüentemente constitui apenas uma visão daqueles tempos ficando outras possibilidades suscetíveis de serem incluídas em outros trabalhos que tratem do mesmo assunto.

3.3 PREÂMBULOS DE UM CONTEXTO: OS ALICERCES SÓCIO/EDUCACIONAIS DO ALMANAQUE BIOTÔNICO FONTOURA – O DIFUSOR DE UM IDEÁRIO

De acordo com Azevedo (1997), em 1914, Monteiro Lobato, na época proprietário de uma fazenda que herdara do avô, idealizava uma vida agrária promissora. Todavia, a insatisfação com os funcionários da fazenda, levou-o a prejuízos financeiros e gerou no autor uma visão negativa dos sertanejos, que segundo ele, não eram adeptos ao trabalho e tão pouco faziam questão de modernizarem-se. Essa antipatia com relação aos sertanejos levou Lobato a escrever o artigo, “Velha Praga”, publicado no jornal Estado de São Paulo em 1914, e posteriormente na obra Urupês em 1918, no texto ele denunciava e criticava a forma como os sertanejos trabalhavam a terra, além disso os responsabilizava pelas queimadas frequentes e desenfreadas.

A nossa montanha é vítima de um parasita, um piolho da terra, peculiar ao solo brasileiro como o “Argas” o é aos galinheiros ou o “Sarcoptes mutans” à perna das aves domésticas. Poderíamos, analogicamente, classificá-lo entre as variedades do “Porrigo decalvans”, o parasita do couro cabeludo produtor da “pelada”, pois que onde ele assiste se vai despojando a terra de sua coma vegetal até cair em morna decrepitude, nua e descalvada. Em quatro anos, a mais ubertosa região se despe dos jequitibás magníficos e das perobeiras milenárias – seu orgulho e grandeza, para, em achincalhe crescente, cair em capoeira, passar desta à humildade da vassourinha e, descendo sempre, encruar definitivamente na desdita do sapezeiro – sua tortura e vergonha. Este funesto parasita da terra é o CABOCLO, espécie de homem baldio, semi-nômade, inadaptável à civilização, mas que vive à beira dela na penumbra das zonas fronteiriças (LOBATO, 1982, p. 140-141).

Ainda hoje, muitas pessoas associam o sertanejo a esse estereótipo representado por Lobato (1982) através do personagem Jeca Tatu. Ao dizer que alguém é atrasado, geralmente costumamos ouvir expressões do tipo: ‘parecendo um Jeca’, equivalendo em outras palavras a uma pessoa fora de moda, caipira, ignorante, sem higiene e tantos outros adjetivos, que geralmente conotam idéias

negativas. O sertanejo – caboclo ou caipira – era descrito sob uma óptica representativa que denegria a imagem do homem do campo.

Chegam silenciosamente, ele e a “sarcopta” fêmea, esta com um filhote no útero, outro ao peito, outro de sete anos à ourela da saia – este já de pitinho na boca e faca à cinta. Completam o rancho um cachorro sarnento – Brinquinho, a foice, a enxada, a picapau, o pilãozinho de sal, a panela de barro, um santo encardido, três galinhas pévas e um galo índio. Com estes simples ingredientes, o fazedor de sapezeiros perpetua a espécie e a obra de esterilização iniciada com os remotíssimos avós (LOBATO, 1982, p. 141).

A partir das iniciativas para sanear os sertões e desenvolve-lo tanto quanto desenvolviam-se as cidades brasileiras da época, a educação assumia um papel importante para tornar o sertanejo apto aos novos rumos que a nação tomava, ou seja, à modernidade. Era necessário que o Brasil começasse a ser pensado como Brasil e não como uma Europa abaixo da Linha do Equador. De acordo com Sevcenko (1983, p. 122-123):

O mesmo empenho em forçar as elites a executar um meio giro sobre seus próprios pés e voltar o seu olhar do Atlântico para o interior da Nação, quer seja para o sertão, para o subúrbio ou para o seu semelhante nativo, mas de qualquer forma para o Brasil e não para a Europa.

Reportando ao ano de 1920, ano da primeira edição do Almanaque Biotônico Fontoura, veremos que foi uma época que abarcou um interesse, em nível nacional, de satisfazer os anseios da modernidade que batia às portas do país, que consequentemente provocou a euforia de diversos setores da sociedade, que de uma forma ou de outra levou ao Brasil novas dimensões políticas.

Basta que se perceba, entre 1920 e 1929, o envolvimento do país em um clima de efervescência ideológica e de inquietação social; o maior grau de perturbação provocado pelas campanhas presidenciais; o alastramento das incursões armadas; as lutas reivindicatórias do operariado; as pressões da burguesia industrial; as medidas de restrição adotadas na Revisão constitucional de 1929; o desencadeamento do movimento revolucionário vitorioso de outubro de 1930 (NAGLE, 1976, p. 3).

Aos poucos, e diante desse quadro de efervescência, os intelectuais do período defendiam que a ordem seria estabelecida e o progresso assegurado, a partir do momento que o brasileiro tivesse uma escolarização garantida e de qualidade. A educação passa a ter importância crucial para diferentes áreas da esfera social da nação e defendida com tamanho furor, como se esta fosse a única mola propulsora para o desenvolvimento. Assim:

Uma das maneiras mais diretas de situar a questão consiste em afirmar que o mais manifesto resultado das transformações sociais mencionadas foi o aparecimento de inusitado entusiasmo pela escolarização e de marcante otimismo pedagógico: de um lado, existe a crença de que, pela multiplicação das instituições escolares, da disseminação da educação escolar, será possível incorporar grandes camadas da população na senda do progresso nacional, e colocar o Brasil no caminho das grandes nações do mundo (NAGLE, 1976, p. 99-100).

O pensamento heugenista permeava os discursos progressistas de desenvolvimento que eram calcados na educação. Mas, como destacou Carvalho (1989, p. 40), foi evidente “o desejo ardente de regenerar a Nação através da Educação”. O Estado de São Paulo foi o precursor desse entusiasmo pedagógico. Contudo, ainda restaria uma imensidão de terras brasileiras que necessitavam dessas políticas educacionais e dada à dimensão e diversidade, é equivocado dizer que no contexto de uma política educacional, o que se construiu foi igual e hegemônico para todos os estados e regiões brasileiras, mas a esperança depositada numa capacidade regeneradora da educação pode ser percebida em muitos intelectuais e publicistas da época, assim:

Não é que atribuamos à instrução elementar a propriedade mágica de eliminar diretamente a imoralidade de cada espírito, de onde elimine a ignorância. Mas, além de que nada tende mais a inspirar o sentimento da ordem, o amor do bem e a submissão às amargas necessidades da vida do que a noção clara das grandes leis naturais que regem o universo e a sociedade, acresce que o ensino desentranha, em cada um dos indivíduos cuja inteligência desenvolve, forças de produção, elementos de riqueza, energias morais e aptidões práticas de invenção e aplicação, que o revestem de meios para a luta da existência, o endurecem contra as dificuldades e lhe preparam probabilidades mais seguras contra a má fortuna (BARBOSA, 1947, p. 195).

Por meio dos dizeres de Rui Barbosa (1947) é possível afirmar que a escolarização foi caracterizada como a difusora de valores essenciais para a nova ordem de progresso nacional.

Isso não quer dizer que os habitantes do campo eram desprovidos de qualquer tipo de educação e/ou instrução de caráter escolar, ao contrário, de acordo com Park (1999) e Rossi (2003) ela existia e era exercida de acordo com possíveis necessidades dos sertanejos, inclusive no que se refere ao próprio calendário escolar, que na maioria das vezes era adequado aos ciclos das atividades agrícolas.

Neste sentido, caberia então promover e organizar um sistema educacional. Pois, a mentalidade ligada ao fatalismo das raças era algo que vinha dando lugar a outro pensar, o da educação como fonte de progresso capaz de gerar desenvolvimento individual e social.

O esforço em modernizar, sanear, higienizar e educar o sertanejo, são fatores que podem ter contribuído para Lobato rever seu conceito de sertanejo e rever a forma como o havia representado. Para melhor esclarecer essa questão convido o leitor a refletir a respeito da regeneração da personagem Jeca Tatu, sob a nova óptica representativa de Monteiro Lobato ao criar o folheto Jeca Tatuzinho, que em muito difere daquela que consta no artigo “Velha Praga” (1914).

Cumpre-me todavia, implorar perdão ao pobre Jeca. Eu ignorava que era assim, meu caro Tatu, por motivo de doenças tremendas. Está provado que tem no sangue e nas tripas um jardim zoológico da pior espécie. É essa bicharia cruel que te faz papudo, feio, molenga, inerte. Tens culpa disso? Claro que não. Assim, é com piedade infinita que te encara hoje o ignorantão que outrora só te via em ti mamparra e ruindade. Perdoa-me, pois pobre opilado (LOBATO, 1982, p. 5).

Em 1920, ao assumir uma explicação científica para a causa da moléstia do sertanejo e na tentativa de redimir-se da figura representativa que havia criado em 1914 com a publicação do artigo “Velha Praga”, Monteiro Lobato em 1920 cedeu a personagem Jeca Tatu ao Laboratório Fontoura para que esse o

utilizasse como uma espécie de “garoto propaganda” na divulgação do elixir Biotônico Fontoura e de outros medicamentos do mesmo laboratório. Um livreto editado e ilustrado por Monteiro Lobato, com a história do Jeca Tatuzinho, passaria a fazer parte integrante do Almanaque Biotônico Fontoura, mais tarde popularizado como Almanaque Biotônico Fontoura, justamente pelo sucesso do medicamento.

Por meio dessa mídia impressa, Lobato (1961) fez alertas representativas do estado em que se encontravam o ambiente rural e o próprio sertanejo, ou seja, faltavam escolas, assistência médica, saneamento e uma série de outras coisas, que segundo o autor na ausência delas era impossível à nação desenvolver-se e ao caboclo restaria apenas a condição de pobre Jeca do campo. Conforme menciona Castro Santos, Lobato “assume um lugar na linha de frente da crítica social de seu tempo, e elege o saneamento rural como a questão nacional por excelência” (SANTOS, 1985, p. 197). E aos poucos o imaginário estereotipado do Jeca de 1914 começou a apresentar-se ao cotidiano dos brasileiros sob outro aspecto. Afinal, em Jeca Tatuzinho o autor permite a expressão da personagem. Foi na fala do próprio Jeca que o caboclo doente, vítima de mazelas sociais e da saúde é representado.

Jeca Tatu era um pobre caboclo que morava no mato, numa casinha de sapé. Vivia na maior pobreza, em companhia da mulher, muito magra e feia, e de vários filhinhos pálidos e tristes. Jeca Tatu passava os dias de cócoras, pitando enormes cigarrões de palha, sem ânimo de fazer coisa nenhuma. [...] Um dia um doutor portou lá por causa da chuva e espantou-se de tanta miséria. Vendo o caboclo tão amarelo e magro, resolveu examiná-lo.

– Amigo Jeca, o que você tem é doença [...]. Você sofre de ancilostomíase... amarelão (LOBATO, 1950, p. 1).

Em sua nova versão, a preguiça do Jeca é associada aos discursos que acompanhou o desenvolvimento científico no início do século XX. Era a condição de vida e não a raça que causava o desânimo ao Caboclo, e o texto escrito para a divulgação do Biotônico Fontoura, evidenciava isso de forma didática e neste sentido mostrou não apenas as possibilidades de transformação do Jeca

Preguiçoso, em Jeca fazendeiro trabalhador, como também, chama atenção às próprias transformações sociais e políticas daquela época. De uma forma objetiva essa reestruturação discursiva de Lobato (1950) contribuiu para deslocar o olhar para outra perspectiva da condição do sertanejo.

Essa outra faceta marca não apenas a nova vertente do autor como também atua diante de ideais científicos e pedagógicos que protagonizaram o período. Em relação a esta segunda, não quero chamar atenção para a forma como o governo, através da educação, interveio nas práticas culturais do sertanejo, mas refletir um pouco mais a respeito da expansão apreciativa do Almanaque Biotônico Fontoura no cenário educacional brasileiro em uma época de fortes discussões a respeito da importância da educação escolar como garantia de desenvolvimento. Isso reafirma que nas primeiras décadas do século XX, saúde e educação, parecem ter se mesclado no desenvolvimento do discurso pedagógico brasileiro.

Como afirmava o próprio autor, “Ciência e arte nasceram para viver juntas, porque arte é harmonia e ciência é verdade. Quando se divorciam a verdade fica desarmônica e a harmonia falsa” (LOBATO, 1994, p. 95). Seguindo esta perspectiva o Almanaque Biotônico Fontoura assegurava elementos que proporcionavam aos seus leitores perceberem e experienciarem diversão e aprenderem ao mesmo tempo, tendo como princípio norteador a personagem fictícia de Jeca Tatu, que tinha uma grande gama representativa do sujeito sertanejo. No almanaque Lobato não apenas contava, mas recomendava.

Menino! Nunca te esqueças desta história; e, quando fores homem, trata de imitar o Jeca. Se fores fazendeiro como teu pai, trata de curar teus camaradas. Além de lhes fazeres um grande benefício, farás para ti um alto negócio. Verás que o trabalho dessa gente produzirá três vezes mais e te enriquecerá muito mais depressa (LOBATO, 1950, p. 12).

No âmbito da necessidade de modernização, Lobato explicava aos leitores, através do Jeca, e com vocabulário simples, todo o ciclo de contaminação e reprodução do parasita *Ancylostoma duodenale* responsável pelo popularmente

conhecido “amarelão”. E o Biotônico seria o remédio capaz de curar as mazelas já impregnadas no corpo de uma parte considerável de brasileiros, especialmente naqueles que habitavam o sertão, por outro lado, o conhecimento proporcionado pela educação seria outra espécie de “remédio” que evitaria o retorno dessas endemias parasitárias. Afinal o autor acreditava que a partir do momento que o sertanejo tivesse uma educação de qualidade, condições e hábitos higiênicos de fato adquiridos, ele não correria mais o risco de fadar-se à ignorância de antes.

Paralelo a isso, é importante lembrar que as primeiras décadas do século XX o Brasil passava por importantes transformações tanto da cidade com o aumento do número de indústria, de automóveis circulando pelas ruas, manifestações políticas, artísticas e culturais, como do sertão principalmente com o processo de modernização do campo. A nova ordem política republicana trazia consigo a intenção de operar mudanças nos hábitos e comportamentos dos sujeitos. Mudanças que imprimissem a noção de desenvolvimento e progresso pretendidos pela República.

O homem do campo, o sertanejo, aquele que outrora foi representado por Monteiro Lobato em *Urupês* (1982), como o parasita funesto da terra, precisava adequar-se a uma outra realidade pretendida para o sertão. A idéia de um sertão atrasado, habitado por analfabetos, sem perspectiva de avanço era refutada. O interesse em dirigir, à essas terras, novas políticas de desenvolvimento era algo imprescindível e inadiável. Era a emergência de um outro ideal de homem e de Brasil. Considerando Sevckenko (1998, p. 27):

Era como se a instauração do novo regime implicasse pelo mesmo ato o cancelamento de toda a herança do passado histórico do país e pela mera reforma institucional ele tivesse fixado um nexos co-extensivo com a cultura e a sociedade das potências industrializadas.

Era todo um trabalho que incluía a transformação das mazelas sociais em esperanças de modernidade. Nas cidades “os descendentes de africanos e a classe trabalhadora, na maioria composta por imigrantes e, ainda, todos que não

tinham meios de subsistência, se constituíam em presença incomoda nos centros urbanos” (NUNES, 2000, p. 143). Por outro lado, como afirma Magalhães (*apud* CARVALHO, 1998, p. 160) “não só as riquezas materiais que se ocultam no interior do país; são as suas forças vivas, as suas forças morais únicas capazes de dominar a dissolução dos centros urbanos ostentosos e anarquizados”. Esse olhar para o sertão incluía o sertanejo como indivíduo capaz. Neste contexto, em que a modernidade abria caminhos à nação Brasil, os sertanejos também deveriam ser educados sob o prisma da civilização moderna. De acordo com Lima e Hochman (2000, p. 316) “o Brasil foi pensado pelas suas ausências e o homem brasileiro como atrasado, indolente, doente e resistente aos projetos de mudanças”. As políticas educacionais republicanas almejavam o desenvolvimento da nação, uma empreitada que buscava abarcar todos os sujeitos. Assim, nos diz Bomeny (1993, p.31):

Buscando novos cidadãos, os indivíduos brasileiros, chega à vez dos educadores, espalhados pelos estados com seus experimentos empíricos, um verdadeiro laboratório de reformas, idéias e projetos inspirados, em sua grande maioria, em modelos estrangeiros.

É importante lembrar que a tese do racismo científico, que justificava o atraso do país pela raça mestiça do brasileiro, sedia lugar para outras análises. Muito dessas alterações explicativas e analíticas daquele momento foram alimentadas pelo advento pré-modernista (1917) que culminou na semana de Arte Moderna (1922). Parto do entendimento de que os literatos, intelectuais e artistas contribuíram para a reavaliação do conceito de raça, construindo outro entendimento para as mazelas sociais do Brasil. Nesta ressignificação das causas, a higienização e a educação despontaram como medidas emergenciais da nação.

O debate científico, intelectual e político, presente nas duas primeiras décadas do século XX, que defendia a falta de saneamento como causa de males como o fracasso escolar e o baixo desenvolvimento social, tendo em vista as

doenças por ele provocadas, esta registrado em autores como Carvalho (1997), Costa (1967) e Nagle (1974). Foi naquele contexto que se iniciou, em território nacional, uma grande campanha de saneamento a começar pelos sertões. Neste desafio o *Almanaque Biotônico Fontoura*, teve um papel importante. Com linguagem escrita de fácil entendimento, repleto de imagens coloridas que falavam por si, os exemplares desse folheto traziam o Jeca Tatuzinho, personagem de Monteiro Lobato, como exemplo de prosperidade a ser seguida.

Aos poucos o Jeca tornou-se uma das mais conhecidas personagens da cultura brasileira, adquirindo um conceito caricatural de sertanejo, e não obstante em seu próprio contexto de criação, passou por uma série de metamorfoses: de caboclo preguiçoso, parasita funesto da terra, indolente, vítima de doenças e posteriormente de fazendeiro bem sucedido. Contudo, é possível interpretar que a trajetória dessa personagem de Monteiro Lobato, na versão veiculada nos *Almanaques Fontoura*, sempre esteve relacionada às políticas de saúde pública e de educação, principalmente no que se refere ao desenvolvimento econômico e social do país. Para o pensamento da época o saneamento poderia transformar cientificamente a realidade nacional, e foi por meio do discurso científico e da ciência médica que Jeca Tatu adquiriu sua cidadania.

É importante destacar que a metamorfose dessa personagem esta relacionada a uma mudança no entendimento a respeito das causas que faziam do Jeca um suposto preguiçoso e indolente. Se no artigo, *Velha Praga* publicado em 1914, a representação do sertanejo focava a sua natureza, na primeira edição do *Almanaque* em 1920, essa metamorfose vem como uma nova justificativa para os seus males, “o Jeca não é assim, ele esta assim”, afirmou Lobato em 1920. Contudo, observa-se que a imagem caricaturada do sertanejo permanece, uma vez que se pode interpretar que ele apenas deixaria de ser o indolente e preguiçoso caso se utilizasse dos conhecimentos científicos que a modernidade poderia proporcionar-lhe.

Por outro lado, o *Almanaque Biotônico Fontoura*, além de representar seu laboratório, se tornou material de leitura de adultos e crianças, ensinando a eles noções de higiene e saúde como andarem limpos, asseados, calçados além de

trabalharem para uma vida feliz e próspera. Pode-se dizer que a disposição ou aceitação do Jeca Tatuzinho em aprender uma outra forma para se viver, de incorporar em seus hábitos outros cuidados de higiene e saúde buscou produzir, em seus leitores, o desejo de um outro modelo e padrão de vida. É possível afirmar que Jeca Tatuzinho tornou-se um modelo a ser seguido. Todos que se encontrassem naquelas condições poderiam vir a superá-las, desde que incorporasse uma forma de vida apoiada nos conhecimentos científicos, como ele incorporou.

4 ENTRE A LITERATURA E O DISCURSO EDUCACIONAL: “O JECA NÃO É ASSIM, ESTA ASSIM” À PEDAGOGIA DO SERTANEJO

Com uma estética persuasiva e utilizando um discurso atrelado às perspectivas educacionais e higiênicas que começavam a se propagar pelo Brasil do início do século XX, os Laboratórios Fontoura, na década de 1920, criou seu próprio meio de divulgação: o *Almanaque Biotônico Fontoura*. Com uma média de 40 páginas, esse almanaque trazia informações acerca de saúde e higiene, além de fazer propaganda dos produtos do laboratório, por exemplo, o próprio elixir Biotônico Fontoura. Entre seus colaboradores, Monteiro Lobato se destacou, pois foi o responsável pela publicação da história do Jeca Tatu, a qual se tornou uma das maiores peças publicitárias do Brasil. De acordo com Park (1999), esta atravessou quase um século, proporcionando ao almanaque alcançar uma tiragem superior a 100 milhões de exemplares em 1982 na sua última edição, um número astronômico se comparado aos 50 mil da primeira em 1920.

4.1 ASSOCIAÇÕES: IDÉIAS, TEXTOS E CONTEXTOS NA CRIAÇÃO DO ALMANAQUE BIOTÔNICO FONTOURA

Precedendo a década de 1920, como já dito anteriormente, nascia no país um pensamento político científico que pode ter contribuído para efetivar a criação do Almanaque. De início, chamo atenção ao fato que cientistas, das mais diversas áreas, começaram a defender o argumento de que não seria a raça quem determinaria o atraso ou o desenvolvimento de uma nação, mas as condições de saúde da população. Stepan (1976), afirma que só a cidade do Rio de Janeiro, sem contar o restante do país, estava mergulhada em problemas relacionados a saúde pública a ponto de impedir a própria administração da cidade.

Uma população que já ultrapassava 600.000 habitantes estava confinada, às vezes, em casas anti-higiênicas, muitas situadas em ruas não pavimentadas e com esgotos a céu aberto. Não só a febre amarela, a peste e a varíola eram grandes assassinas, mas o sarampo, a escarlatina, a influenza, e as doenças intestinais menos dramáticas, mas sempre presentes e a tuberculose cobravam seu tributo anual em vidas humanas (STEPAN, 1976, p. 85).

Com isso, em todo território nacional, começaram uma série de debates entorno da questão, na tentativa de encontrar possíveis projetos e propostas que resultassem em soluções rápidas, lógicas e positivas para a problemática. É importante lembrar que no centro dessas discussões não se envolveram apenas médicos e cientistas da saúde, mas, profissionais e pesquisadores de diferentes áreas do conhecimento fizeram parte desses debates, que aos poucos foi adquirindo proporções de movimento nacional em prol da higienização e saneamento do país.

Schraiber (1989, p. 71), refletindo sobre aquele momento, aponta para a importância atribuída à regeneração de todos os corpos, independente de condição social. Assim:

A importância da manutenção e da recuperação do corpo não é apresentada como particular por referência às classes sociais, mas como geral para o conjunto de sociedade; expressa, assim, não interesses particulares, mas o interesse geral da nação, visto que na dissolução das classes sociais em um conjunto homogêneo de cidadãos iguais – a nação – os interesses de uma classe são apresentados como os interesses de todos.

Ao aproximar minhas leituras ao processo de criação e divulgação dos *Almanaques Fontoura*, pode-se interpretar que as produções seguem um viés em que governo e cientistas evidenciavam a emergência na criação de um programa de medicina social que planificasse e tivesse um processo de continuidade ao combate às mazelas nacionais. Além disso, ao descobrir como medicalizar a sociedade brasileira, obedecendo, uma ordem de igualdade e homogeneidade, para a possível eficácia no controle das epidemias e no desenvolvimento da higienização. Foi então, que baseados nos estudos do cientista Oswaldo Cruz, os

intelectuais adeptos da perspectiva higienista encontraram um modelo supostamente mais apropriado para dar início às ações medicamentozas, seria o que chamamos de campanhismo, que se destacou entre os anos de 1918-1924.

O higienismo constitui-se num forte movimento, ao longo do século XIX e início do século XX, de orientação positivista. Foi formado por médicos que buscavam impor-se aos centros de decisão do Estado para obter investimentos e intervir não só na regulamentação daquilo que estaria relacionado especificamente à área de saúde, mas também no ordenamento de muitas outras esferas da vida social. Diante dos altos índices de mortalidade infantil e das precárias condições de saúde dos adultos, e tendo em vista a disseminação de novos conhecimentos e técnicas provenientes do avanço da ciência, o higienismo conseguiu influenciar decisivamente a emergência de novas concepções e novos hábitos (MERISSE *et al.*, 1987, p. 33-34).

Ainda considerando o que escreveram Merisse *et al.* (1987), o leitor pode notar que havia uma clara predisposição por parte desses cientistas em pensar e agir sobre a saúde do brasileiro, e em termos práticos, esse movimento começou pelas cidades (em especial Rio de Janeiro e São Paulo), onde a urgência era maior devido a alta concentração de pessoas e para garantir e assegurar o progresso e avanço industrial.

Para intelectuais como Cruz Costa e Monteiro Lobato, os sertões, embora portador de grande riqueza e sustentabilidade, não era valorizado por projetos políticos e sociais, ocasionando com isso o não desenvolvimento de suas gentes nos mais variados aspectos da vida humana. Assim, afirma Costa (1967, p. 354):

O sertão fizera, no alvorecer na República, a sua dramática aparição no cenário da vida brasileira, revelando aspectos trágicos de nossa formação. [...] Ascendemos, de choque, arrebatados no caudal dos ideais modernos, deixando na penumbra secular em que jazem, no âmago do País, um têrço de nossa gente.

Ainda de acordo com Costa (1967, p. 354), “[...] os problemas do Brasil – entre os quais se destaca o das populações sertanejas – volta sempre a preocupar o letrado brasileiro, tôda vez que nos enfrentamos com uma crise

séria”. Por isso, as mesmas condições concretas de higienização e saúde que foram ofertadas às cidades, seriam de necessidades fundamentais para os habitantes do sertão.

Foi, portanto, sobre o antagonismo entre campo e cidade, que, em 1917, foi elaborado o Código Sanitário Rural, ao visar à transformação do sertanejo, prevendo mudanças importantes na demografia do campo. Neste sentido, sob o ponto de vista de uma literatura sobre saúde, doenças e práticas de cura no Brasil, pode-se verificar que o consumo de elixires foi a princípio uma alternativa na busca de uma solução desse problema. Embora caracterizado como medicina popular, muitas vezes com a interpretação de práticas e idéias rudes e equivocadas, o consumo desse medicamento, tinha seus fundamentos arraigados na imitação do modelo europeu de exercício da medicina e tinha sua funcionalidade que era a cura de doenças típicas da falta de saneamento, como por exemplo, a anemia, vermes e desnutrição.

Nesse contexto Monteiro Lobato, juntamente com Cândido Fontoura começaram a abordar com mais ênfase o sanitarismo rural. Neste momento, Lobato não culpava o sertanejo por sua pobreza, e deixa de caracterizá-lo como indolente e inapto para o trabalho, mas atribui isso às más condições de saúde, sobretudo do caipira paulista. Essas vivências culturais brasileiras teriam criado as condições favoráveis para a união Lobato & Fontoura, proporcionassem ao Almanaque Biotônico Fontoura um formato característico de peça publicitária.

Se anterior a escrita as palavras já eram usadas como ferramentas importantes na comunicação oral, com a escrita ela passou a ter mais forças e não há dúvidas que certas práticas de leitura evocam e conseguem manifestar-se a tal ponto que aos poucos transformam-se em um estilo de vida. Não é por acaso que, os textos publicitários, preferencialmente aqueles direcionados a grandes parcelas da população visam a guiar seus leitores na escolha e na aquisição de um determinado produto. “A publicidade serve mais para promover o consumo como um modo de vida do que para anunciar produtos” (ADLER; FIRESTONE, 2003, p. 29).

Em princípio, Adler e Firestone (2003) mostram-se ciente e seguro que a finalidade desses textos é controlar e condicionar os sujeitos. No entanto, nem

sempre a intenção do autor corresponde aos usos feitos pelos seus leitores, nas práticas de leituras o discurso publicitário também pode encontrar-se envolto de novas e velhas práticas. Parafraseando Chartier (1994, p. 102), lê-se muito e de forma diferente também a publicidade.

Partindo do princípio que a criação desse impresso se deu em um momento que decorria, no Brasil, a crença que a reforma da sociedade só se efetivaria mediante a reforma do próprio homem, as associações discursivas encontradas neste almanaque é instrumento decisivo na divulgação desse pensamento, pois “a publicidade é construída por meio de um mesmo procedimento que envolve tanto as idéias quanto as palavras: a associação” (CARRASCOZA, 2004, p. 15). Sobre isso Dias (2006, p. 222) também faz a seguinte afirmação:

O destaque dessa época, e talvez a peça de propaganda que tenha ficado mais conhecida no Brasil, é o *Almanaque Fontoura*, criado por Lobato e tendo como protagonista sua personagem emblemática, o *Jeca Tatu*. O Almanaque tinha como finalidade primeira promover a marca do elixir fortificante *Biotônico Fontoura*, e era distribuído em todo o território nacional. A compra de um frasco do elixir dava direito a um exemplar do almanaque, com suas histórias de cunho desenvolvimentista, característico de Lobato. Apresentava um discurso claro de convite a mudanças de procedimentos, de melhoria de atitudes em busca de mais conforto e saúde.

Uma combinação de ingredientes publicitários, educacionais e literários que juntos trilharam o ambiente rural nacional e assegurado pelos aportes teóricos de intelectuais que estavam interessados no progresso da nação em suas esferas progressistas. Este almanaque foi dosado de ideais sociológicos capazes de se sobrepôr ao produto que estava encarregado de divulgar, o elixir Biotônico Fontoura.

Não desconsiderando a incidência dos inúmeros outros discursos que também circularam Brasil afora em torno da importância do desenvolvimento educacional para o progresso da nação, tomaremos como exemplo o adotado por Monteiro Lobato ao escrever a história do Jeca Tatuzinho.

A tentativa de, na primeira metade do século XX, fixar o sertanejo na área rural ocasionando o que conhecemos por Ruralismo Pedagógico, “movimento que defendia uma escola integrada às condições locais regionalistas, cujo objetivo maior era promover a fixação do homem ao campo” (LEITE, 2002, p. 28), pretendia instruí-lo a uma disciplinarização dos seus hábitos e costumes, mediante a educação ligada à higiene, trabalho, cultura entre outras.

Discordo das afirmações que atribuíam ao homem do campo uma indiferença em relação a escola, inclusive porque em alguns estudos verifica-se o interesse do sertanejo pela escola antes mesmo da criação dessas nas áreas que habitavam. Afinal, apesar de quase 80% da população daquele período residir nas zonas rurais, dados do (IBGE), o número de escolas para atender a demanda dessas pessoas era muito reduzido. É nesse contexto que objetivo situar o Almanaque na história da educação e integrá-lo como um importante objeto de estudos para os pesquisadores desse campo.

Em 1918 ao publicar a primeira edição de *O Problema Vital*, Monteiro Lobato, ao afirmar no epílogo daquela edição que “O Jeca não é assim, o Jeca esta assim”, poderia não imaginar que alguns anos depois esse personagem se tornaria um ícone da cultura brasileira e grande aliado aos propósitos educacionais do início do século XX.

No discurso cívico da ABE¹, a figura de um brasileiro doente e indolente, apático e degenerado, alegoriza os males do país. Transformar essa espécie de Jeca Tatu em brasileiro laborioso e disciplinado, saudável e produtivo era o que se esperava da escola (CARVALHO, 2003, p. 48).

É possível afirmar que o Almanaque Biotônico Fontoura teve um papel importante para propagação dos novos fins tomados pela educação no Brasil daquela época. Em um período que as idéias nacionalistas iam se consolidando e a migração e imigração aumentava a cada dia e o país enfocava novos rumos

¹ ABE: Associação Brasileira de Educação, foi criada em 1924 e tinha como foco a divulgação e legitimação dos ideais de uma educação renovada.

políticos, ideológicos e econômicos, o discurso educacional, não obstante, passava a ser visto como o esteio para a uniformização dos valores e sentimentos nacional, inclusive no que se referia à modernização, progresso, ciência e indústria. Para Calazans (1993, p. 26) a escola deveria ser “um aparelho educativo organizado em função da produção”.

Embalando nessa onda progressista, a educação, como afirmou Carvalho (2003), passou a ser uma espécie de chave que possibilitaria à nação ir do pesadelo de um país atrasado ao sonho de tornar-se civilizado. Nesse contexto, vários dispositivos foram criados com o intuito de ordenar e regular a vida cotidiana das pessoas que se enquadravam no perfil de brasileiro atrasado e indolente. Neste sentido, reporto ao Almanaque Biotônico Fontoura como um desses possíveis dispositivos, afinal, de acordo com Nova (1996, p. 138-139):

O progresso era o outro nome do espírito científico, de que o almanaque recebe também alguns respingos. Uma mentalidade científica generalizadora faz aparecer aí a importância do desenvolvimento científico. (...) Por outro lado, no almanaque, forja-se uma idéia de ciência, do papel que ela tem e deve desempenhar na marcha da sociedade industrial.

Há evidências, inclusive, que essa característica do Almanaque possa ter sido um dentre os diversos caminhos que contribuiu para que ele adentrasse nas escolas, visto que era uma prática das escolas realizarem palestras relacionadas à saúde e instrução a novos hábitos. O leitor verá no decorrer desse texto que em alguns depoimentos as pessoas citam essas palestras e a distribuição do Almanaque após sua realização.

Afinal, ao ter sua primeira edição circulando no Brasil a partir de 1920, esse Almanaque além de trazer um slogan que direcionava à população a propaganda de um Tônico capaz de impulsionar o desenvolvimento escolar das crianças: *Be a BA, Be é Bé, Be i Bi, o tônico Fontoura* também veiculava a história do personagem Jeca Tatu de Monteiro Lobato, que após consumir o medicamento passou da condição de pobre, indolente e analfabeto para rico, trabalhador e inteligente. Não demorou muito e o livreto, que era distribuído gratuitamente nas farmácias, passou a ocupar espaço importante nas casas dos brasileiros

destacando-se ainda mais na daqueles que viviam no campo, sendo para esses um objeto muito utilizado no processo educativo tanto ligado à higienização como à própria alfabetização, assim afirma um leitor do almanaque, nascido em 1916:

A primeira vez que vi um armanaque foi no orfamanato. Acho que era 1928. Eles mostrava pras crianças, prá num anda discarça. O que era de mais interesse era a história do Jeca Tatu. A professora aproveitava... La se usava os remédio indicado nele. No orfanato tinha o livro sagrado e o armanaque. A professora ensinava a chave. Eu quero dizê, as letra. Elas acaba sendo a chave, sem elas ocê num entra. Num lê. Ai eu procurava as letra no armanaque (PARK, 1999, p. 142).

Pouco a pouco a história do Jeca foi se alastrando pelo país e o Almanaque tornando-se cada vez mais importante. Quero lembrar o leitor que inerente ao teor publicitário o que chamo atenção é o papel que esse Almanaque representou para a história da educação e não para a campanha publicitária do Laboratório Fontoura, como pode ser observado na fala de nosso depoente. Além disso, não é possível afirmar, pois esta não é a temática que propus a investigar, sobre a existência ou não de algum entendimento por parte do caboclo dos anos 20, do Almanaque apenas como veículo de propaganda. O que pretendo evidenciar é o quanto esse Almanaque era concebido como um material de leitura pelas escolas, especialmente as do campo, pois, ainda de acordo com Park (1999, p. 145) “pelo almanaque a roça se aproxima da biblioteca”. E essas, além de terem acesso à história do Jeca também encontravam informações medicamentosas e de higiene, que iam de encontro com os ideais discursivos do período.

O uso desse almanaque na escola ou em outros lugares, como a própria afirmação de Park (1999) ilustrou, levou o Jeca a tornar-se conhecido em praticamente todo o Brasil como representante caricatural do caboclo brasileiro, principalmente aquele residente no interior paulista, e ao mesmo tempo a história desse personagem trazia lições de higiene, trabalho, e educação, sendo essa última enfocada como a “chave mágica” que levaria boas e novas condições de vida aquele que a detivesse, reforçando ainda mais os ideais educativos da

época, principalmente os que circundavam suas atenções ao desenvolvimento rural. Afinal, o entendimento de que gente da roça não carecia de estudos, sedia lugar a um outro discurso que voltava as intenções educativas para o homem do campo.

Se por um lado a educação na primeira república foi voltada quase que exclusivamente aos imigrantes e à elite e entre as “providencias tomadas pelos republicanos no Estado de São Paulo, os investimentos de institucionalização da escola foram subordinados à prioridade concedida à imigração como recurso civilizatório” (CARVALHO, 2003, p. 143). Foi no final da primeira e início da segunda república, por volta dos anos de 1920/30, que o Brasil “despertou para a educação rural” (LEITE, 2002, p. 28). Os ideais de branqueamento sediam lugar aos de educação, higiene e saneamento do sertão.

Por outro lado, cidades como Rio de Janeiro e São Paulo, incitavam no início do século XX, perspectivas de desenvolvimento baseadas na hegemonia cultural das fábricas. O operário precisava estar preparado para atuar em suas funções sob os moldes da ciência, da técnica e consequentemente, do progresso. Essa espécie de “o prelúdio republicano”, como chamou Sevcenko (1998), também precisava chegar ao campo. O sertanejo deveria ser preparado para atuar no ambiente rural e aos pouco ser inserido nesse ideal de progresso, e aos olhos de progressistas como Monteiro Lobato, por exemplo, isso seria alcançado mediante a educação do homem do campo. Essas pessoas, maioria analfabetas, não teriam condições de acompanhar o crescimento do país caso continuassem nessa mesma condição. Por isso, promulgava a idéia que a leitura seria um elo importante entre o homem e o progresso.

Lobato não tardou a perceber a importância de sua literatura de entretenimento para a educação das crianças. Ele próprio levou seus livros para as escolas. Como publicista, crítico social, ele sabia naturalmente que fazia o trabalho de um “educador de adultos”... Nem sempre suave, está certo, mas sempre admiravelmente claro, irrepreensivelmente didático. E inventivo, fantasioso, atraente (NUNES, 1986, p. 87).

Considerando que a literatura, quando trabalhada insistentemente sob um mesmo viés interpretativo, pode criar e/ou transformar imagens representativas de sujeito, o Almanaque Biotônico Fontoura, que trazia estampado a imagem do Jeca Tatu, pobre e indolente no início da narrativa e rico e inteligente no final dela, proporcionava ao leitor daquele momento não apenas uma nova representação de sertanejo, mas também a sua inserção em um novo contexto sócio cultural.

Mas, nesse cenário de transformações, a imagem de homem do campo era atrelada a ambiguidades representativas, pois, de um lado tínhamos o sertanejo romântico identificado nas obras de José de Alencar, que o descrevia como ingênuo primitivo e por outro tínhamos aquele difundido em obras como a de Monteiro Lobato, que o relacionava à visão de sujeira, doença e atraso social. Essas narrativas, tanto de Lobato como de Alencar, foram representações construídas, duas visões distintas de sertanejo que, durante décadas, circularam por entre os intelectuais, ora dividindo-os, ora contribuindo para a formação de um pensamento que os levará a defender determinadas políticas de educação e de saneamento para o Brasil.

No que se referem a essas políticas, volto minhas atenções às difundidas por Lobato, que assumindo um caráter progressista, manteve parte de suas obras literárias sempre atreladas a idéias científicas de desenvolvimento. Para ilustrar esse estilo presente na obra Lobatiana parto do pressuposto que:

No universo infinito da literatura sempre se abrem outros caminhos a explorar, novíssimos ou bem antigos, estilos e formas que podem mudar nossa imagem do mundo... Mas se a literatura não basta para me assegurar que não estou apenas perseguindo sonhos, então busco na ciência alimento para as minhas visões das quais todo pesadume tenha sido excluído (CALVINO, 1995, p. 20).

Parece que Lobato procurava ensinar através da história do Jeca, reproduzida nos Almanques Fontoura, afinal, ela nos mostra duas faces da constituição do caboclo enquanto sujeito: a primeira partindo do pressuposto de uma realidade pobre, doente e analfabeta e a segunda ligada à completude de uma vida rica, saudável e inteligente, visivelmente contrária à primeira.

A visão que prevalecia em grande parte da sociedade urbana, que considerava o campo como lugar atrasado e arcaico começava a mudar e conseqüentemente o imaginário do homem do campo que projetava o espaço urbano como único caminho rumo ao desenvolvimento e progresso também começava a sofrer alterações, pois com a industrialização crescente nas primeiras décadas do século XX, o país foi levado a frear o crescimento desordenado das cidades e veicular ao campo um projeto estrutural de desenvolvimento, não necessitando, com isso, de o sertanejo migrar para a cidade em busca de melhores condições de vida. Sobre essas formas de representação de campo e cidade nos discursos literários, Raymond Williams (1989) diz que elas são feitas por meio de uma relação de oposição com o outro, e de uma forma semelhante acontece com seus habitantes, ou seja, a imagem do homem do campo era construída em oposição ao homem urbano.

Ao trazer essa perspectiva discursiva acerca da literatura como promulgadora de novos conceitos e práticas, me reporto a Foucault para atrelar a ela a óptica do que esse autor pensa a respeito de um sistema de ensino:

O que é, afinal, um sistema de ensino senão a ritualização da palavra, senão uma qualificação e uma fixação dos papéis dos sujeitos que falam, senão a constituição de um grupo doutrinário ao menos difuso, senão a distribuição e uma apropriação do discurso com seus poderes e seus saberes? (FOUCAULT, 1999, p. 44-45).

Ao ver a educação sob o caráter institucional de Foucault (1999), associada às práticas literárias mencionadas, que notei a possibilidade de o Almanaque Biotônico Fontoura, ao avançar os muros da escola rumo às salas de aulas e tornar-se um material de leitura, contribuiu para a ritualização de uma imagem representativa de sertanejo, que mediante as práticas de leituras e interpretações da história do Jeca Tatu narrada no Almanaque, fixou a idéia de ser o Jeca um homem indolente e preguiçoso.

4.2 UNINDO OS ELEMENTOS: LOBATO & FONTOURA E UM CERTO JECA TATUZINHO

Atentando à ênfase no Almanaque Biotônico Fontoura não apenas como um livreto de divulgação medicamentosa, mas como material de leitura que norteou a criação de novos hábitos e costumes cito um depoimento retirado de Park (1999, p. 147-148):

Meu pai era colono da Fazenda de café lá prá banda de Agudo. Minha mãe cuidava da casa. Foi escrava. Minha avó veio de Angola pra cidade de Rezende, no Rio de Janeiro. Naquele tempo lá era tudo fazenda. Minha mãe era marcada a ferro no seio. A sinhá sabe que era costume? Era sim. As bonita. As patroa tinha ciúme e mandava marcá... Tanto meu pai como minha mãe, não estudaro. Tudo o que ensinava era falando. Mas levaro os filho prá escola. Todos. Leva levaro. A primeira vez que vi um armanaque foi no orfanato. Acho que era 1928. Eles mostrava prá criança, prá num andá discarça. O que era de mais interesse era a história do Jeca Tatu. A professora aproveitava...

Lá se usava os remédio indicado nele. No orfanato tinha o livro Sagrado e o armanaque. A professora ensinava a chave. Eu quero dizê, as letra. Elas acaba sendo a chave, sem elas ocê num entra. Num lê. Aí eu procurava as letra no armanaque. Quando eu cresci, fui trabalhá em São Paulo, na casa da Família Mello. Meu serviço era de page. Ouviu falá? Eu cuidava dos filho deles. Lavava, trocava e levava prá escola, a pé. Naquele centrão de São Paulo, onde hoje, só tem prédio. Era tudo casa, mato, tinha bonde. O caradura era bonde onde ia os pobre. De pé. Era muito mais barato que os outro. Lá tamém tinha o armanaque. Como ele tinha muito desenho eu usava prá criança estudá, copiando as palavra e olhando nos desenho. Fazia lição com Jeca Tatu. Prá ensiná as palavra do armanaque. Essa família me levou conhecê Campos do Jordão, Rio de Janeiro.

Eu viajava com eles. Me tratavam como iguá... Aí eu casei e fui pro sítio prantá. Fui embora. Casei. E o jeito era o armanaque. O único lugar prá saber quando e o que prantá

Nem é só isso. E nome pros filho? Tirado do Livro Sagrado e dos armanaque. As criança andava tudo carçada. Aprendi lá. Prá não dá bicho... Tudo a gente olhava nele.

Eles davam na Farmácia. Era só comprá quarquê coisinha e vinha armanaque. Pelo que lembro ele tinha sempre uma capa iguá.

Todos na casa interessava. Aqueles que conseguia lê um pouco, lia pros outro. Assim né, de ouví e vê, acabava sabendo e lia.

O depoimento acima torna clara a importância que o Almanaque passou a ter na vida de algumas pessoas e que ele circulou não apenas no ambiente rural, mas em grandes centros e cidades do interior. Um livreto que no mote da criação, para o editor, não passava de um almanaque como outro qualquer, tornara após a primeira edição um fenômeno de distribuição e de aceitação.

Como era natural, o resultado pecuniário da primeira edição fora bem vasqueiro, tanto para o autor como para o editor. Ora, a esse tempo eu fizera, para o Laboratório do Biotônico Fontoura, o seu primeiro almanaque. Assim, ao aparecer nas livrarias o meu primeiro livro, distribuíam também as farmácias de todo o país esse outro produto de minha literária atividade. E um dia, ao chegar à Revista, entregaram-me um envelope, que para isso ali deixara o nosso amigo Fontoura, com um cartão de agradecimento e um cheque para remuneração do meu serviço. Mostrei ambos ao Lobato, fazendo notar que o Almanaque que apenas me tomara uma semana de atenção, e trabalho, me rendera quantia três vezes maior que o romance, em cuja escrita eu pusera os ócios de quase cinco anos de magistério... (VAZ, 1957 *apud* SODRÉ, 1964, p. 399).

Perceba o leitor que, embora considerado por seu editor como algo simples, a união de elementos relacionados à saúde, educação e literatura, atrelados a publicidade, propiciou ao Almanaque do Biotônico Fontoura não apenas a característica de um livreto que alertava os brasileiros, especialmente aqueles que viviam no campo, a respeito dos sintomas e ciclos da *ancilostomose* (popularmente conhecida como Amarelão). O almanaque também indicava medidas sanitárias de prevenção dessa doença e conseqüentemente divulgava o *Biotônico Fontoura* como o melhor remédio para tal mazela.

Um dia um doutor portou lá por causa da chuva e espantou-se de tanta miséria. Vendo o caboclo tão amarelo e magro, resolveu examiná-lo. - Amigo Jeca, o que você tem é doença. - Pode ser. Sinto uma canseira sem fim, e dor de cabeça, e uma pontada aqui no peito, que responde na cacunda. - Isso mesmo. Você sofre de ancilostomíase. - Anci... o que? - Sofre de amarelão, entende?

Uma doença que muitos confundem com a maleita. - Essa tal maleita não é sezão? - Isso mesmo. Maleita, sezão, febre palustre ou febre intermitente: tudo a mesma coisa. A sezão também produz anemia, moleza e esse desânimo do amarelão; mas é diferente. Conhece-se a maleita pelo arrepio ou calafrio que dá, pois é uma febre que vem sempre em horas certas e com muito suor. Quem sofre de sezão sara com o MALEITOSAN FONTOURA. Quem sofre de amarelão sara com a ANKILOSTOMINA FONTOURA. Eu vou curar você (LOBATO, 1950, p. 3).

Foi a partir dessa recriação fictícia que Lobato e Fontoura iniciaram a participação na campanha sanitária que assolou o Brasil da década de 1920. É também através desse mesmo almanaque, que Lobato reestrutura a imagem de sertanejo, representada outrora no artigo *Velha Praga* de 1914, contudo neste momento o insere em um contexto que tem mais dimensões positivas que as descritas na sua primeira aparição em 1914. Nos textos veiculados no Almanaque, o Jeca deixa de ser o “parasita, um piolho da terra [...] semi-nômade, inadaptável à civilização, mas que vive à beira dela, na penumbra das zonas fronteiriça” (LOBATO, 1982, p. 235-236) e torna-se uma espécie de vítima das mazelas sociais, entre elas a falta de políticas de saneamento, afinal, como definiu o próprio autor: “O Jeca não é assim, esta assim. A saúde pública brasileira vai mal e a apatia do caipira é decorrente de suas enfermidades”. (LOBATO, 1982, p. 234). Essa dualidade representativa do personagem pode estar intrinsecamente associada às mudanças ocorridas no país nas primeiras décadas do século XX.

Foi um período em que a prosperidade da nação era ameaçada por fortes contrastes entre o campo e a cidade, sem contar outras agitações sociais como desemprego e outras ligadas à saúde pública. Talvez seja útil considerar essa última como a mais importante para o sucesso do Almanaque e dos produtos farmacêuticos Fontoura, que de acordo com o slogan eram “medicamentos milagrosos para verminose e anemia, um fortificante da época, cujo produto é reconhecido até aos nossos dias com o nome de Biotônico Fontoura” (CARDOSO, 2006, p. 46). São evidências positivas em relação à fórmula de Fontoura, as quais se professam em vários momentos da leitura do texto de Jeca Tatuzinho, como por exemplo:

O doutor receitou um vidro de ANKILOSTOMINA FONTOURA, para tomar assim: seis comprimidos hoje pela manhã e outros seis amanhã de manhã. - Faça isto duas vezes, com o espaço de uma semana. E de cada vez tome também um purgante de sal amargo, se duas horas depois de ter ingerido a ANKILOSTOMINA não tiver evacuado. E trate de comprar um par de botinas e alguns vidros de BIOTÔNICO (LOBATO, 1950, p. 4).

E:

Abaixo a bicharia! Viva o Biotônico! Viva ANKILOSTOMINA! Viva o Maleitosan! Viva o Fontol!" A estes vivas o coronel Jeca aumentou mais um (LOBATO, 1950, p. 11).

Ainda:

E o grande remédio que combate o amarelão, esse mal terrível que tantos braços preciosos rouba ao trabalho, é a ANKILOSTOMINA. Assim como o grande conservador da saúde, que produz energia, força e vigor, chama-se BIOTÔNICO FONTOURA (LOBATO, 1950, p. 12).

Persuasivo em suas colocações acerca da importância e eficácia do tônico formulado por Fontoura, importa, considerar ainda que, pioneiro no que podemos chamar de primeira propaganda de massa nacional, o discurso textual desse livreto atendeu a uma série de requisitos que combinados asseguraram o sucesso do Almanaque e de acordo com Chartier (1999, p. 139), "sua importância para a cultura brasileira se mede em suas enormes tiragens de dois ou três milhões de exemplares e sua forte presença nas lembranças de leitura, ou de escuta, dos mais modestos leitores". Considerando que os números mencionados por Chartier (1999) tratam das primeiras edições, pois em sua última, lançada em 1982 o Almanaque alcançou um número recorde de 100 milhões de exemplares, é possível afirmar que em quase um século de circulação ele conseguiu o que

nenhuma outra propaganda de massa no Brasil conseguiu naquele momento: tornar conhecida e de grande interesse a marca medicamentosa Fontoura.

É possível afirmar que a propagação do Almanaque desempenhou um papel preponderante no que envolveram estratégias e práticas de leituras. O que era uma hipótese inicial, amparada em minha experiência individual, ganha evidências e contornos mais amplos. O Almanaque distribuído a princípio apenas em farmácias também adentrou os muros das escolas, transformando-se em material de leitura obrigatória de muitos jovens e crianças.

Depoimentos de sujeitos que em suas infâncias, em suas épocas de escola, utilizaram o Almanaque Biotônico Fontoura como material de leitura é que permitem esse argumento. Começo apresentando o depoimento de um imigrante japonês referindo-se aos seus primeiros anos de experiência escolar no Brasil, no qual ele menciona a prática de leitura apoiadas ao Almanaque Biotônico Fontoura.

O material da escola era caderno brochura, de caligrafia, em que eu copiava várias vezes a mesma letra e o livro “Caminho Suave” – a cartilha – que agente usava até a 4ª série. Pra entrar na sala de aula a gente cantava o Hino Nacional. Mas a escola era muito precária mesmo, não se oferecia material, não tinha nada de livro de leitura. O que eu lia era fora da escola e aquilo que eu ganhava. Eu me lembro que eu lia muito o “Jeca Tatu”, um reclame que vinha num livrinho pequeno que entregavam na escola, do Biotônico Fontoura. Aparecia o Jeca, lá, descalço. Daí entrava o bichinho no pé e ele ficava mal, com amarelão, barrigudo... Daí era só tomar o Biotônico Fontoura e virava empresário, fazendeiro... Até os porcos usavam sapatinho, sabe? (HANAYAMA, 2007, p. 11).

Mesmo tratando de um trecho curto e baseado na memória de um leitor, não posso minimizar uma informação importante oferecida pelo depoente: “Eu me lembro que eu lia muito o ‘Jeca Tatu’ um reclame que vinha num livrinho pequeno que entregavam na escola, do Biotônico Fontoura”. Não bastou muito e, outros depoimentos foram chegando ao alcance das minhas vistas.

Quando eu estava no segundo ano da Escola de Aparecido Bonito, que fica em Santa Fé do Sul, houve uma epidemia de amareidão. A prefeitura fez um programa de prevenção, principalmente nas escolas rurais. Como a maioria das crianças andava descalço, eram barrigudos, fracos e com vermes, uma senhora da cidade que era “metida” a médica, examinava os olhos, boca e ouvido das crianças, distribuindo um vidro de Biotônico para cada criança, por mês. Quando os médicos foram na escola chamaram os pais para dar uma palestra sobre a doença. Distribuíram o Biotônico e o livrinho. A partir daí, na minha casa, sempre se consultava este livrinho para tudo. O único irmão que lia, lia para nós todos (PARK, 1998, p. 103).

Pode-se observar que esse material criado com um intuito publicitário acabou sendo veiculado em outros meios diferentes daqueles que almejam seus objetivos primeiros. É possível afirmar que a circulação desse livreto, como muitos o chamavam, esteve presente na prática cotidiana escolar. Recorro novamente ao trabalho de Park (1998, p. 90), que nos deixa ver, quão peculiares são as descrições que diferentes sujeitos fazem de suas vivências em relação ao Almanaque:

Na palestra, disseram que o Biotônico dava saúde, ajudava na memória e na inteligência. Eu e meus irmãos tomamos, religiosamente, até os dezesseis anos. Como a gente era pobre, minha mãe fez a carteirinha do posto de saúde e todos os meses ia buscar um vidro de Biotônico para cada filho. Como ela era analfabeta punha o dedo para marcar que havia recebido. No livrinho que a gente recebia tinha o desenho de um menino de boca aberta, recebendo o Biotônico da mãe.

E:

Há 5 anos atrás, quando fui para Santa Fé, nas escolas, antes da sopa, as crianças recebiam uma colher do remédio. Nessa época havia um outdoor na entrada da cidade que mostrava o mesmo desenho do livrinho (PARK, 1998, p. 90).

É possível ver que o Almanaque também adentrou os lares, configurando-se em um único “livro” de leitura, guardado e passado de geração à geração. Vejamos o que diz uma leitora:

Mas aí eu vou contar pra você a história do meu primeiro livro de leitura. Logo quando eu me alfabetizei, já em 1949, meu pai que tinha guardado um livrinho, que não é bem um livrinho, é um almanaque, almanaque do Biotônico Fontoura, o famoso almanaque [...] Porque depois que eu me deleitei, que eu li várias vezes, aí meu pai guardou e passou para a minha irmã quando foi alfabetizada, [...] Quando ela foi alfabetizada, ela leu também, e ele guardou de novo, aí quando chegou a vez do meu irmão, leu também, pai guardou, e a minha irmã caçula idem, e assim foi preservado o almanaque (GOULARD, 2009, p. 91).

Deste reconhecimento da importância do almanaque para o letramento pode-se destacar dois aspectos: o primeiro com relação a formação de leitores, o segundo diz respeito ao depoimento de uma professora, que depois de muito tempo, sublinha em suas memórias da infância seu entrelaçamento literário com o Almanaque Biotônico Fontoura. Socializo os esboços conscientes dessa mesma depoente sobre as memórias de leituras de sua infância.

Esse livro, o almanaque, é o tesouro que eu guardo com todo o carinho, com todo cuidado. Porque é a lembrança do meu pai, que foi a figura masculina... Mais importante da minha vida... Ele era uma pessoa que tinha pouca instrução... Ele tinha pouca, assim...escolaridade, mas ele tinha a poesia no que ele falava. Ele era assim, sabe, uma criatura mágica (GOULARD, 2009, p. 92).

Vários são os caminhos que tomaram os livros de infância, e não menos variados são os tipos de cuidados que se tem para com eles. Essa leitora desloca-se de seu tempo presente para um tempo passado, numa relação direta com o conhecimento que mantêm arraigado a respeito do Almanaque Biotônico Fontoura e da história do Jeca Tatuzinho. O contato com esse material em sua infância não foi apenas um processo de práticas de leitura, também gerou afetividade, e o efeito dessa força instiga-a, até o momento de seu depoimento, vivenciar a diversidade de saberes e afetos que aquele material a proporcionou.

Também chamo atenção para a forma didática pela qual o almanaque foi construído. O fato de seus idealizadores terem associado imagens visuais ao texto escrito, permitiu que pessoas analfabetas também tivessem acesso às informações descritas no almanaque, isso garantia não apenas a constituição de significados como também assimilação de procedimentos higiênicos que eram defendidos por intelectuais e sanitaristas.

Sempre achei que minha mãe soubesse ler e escrever, pois a vi inúmeras vezes dar ao Almanaque Biotônico Fontoura um tratamento de pessoa letrada: folheava-o com cuidado, demorava um tempo diferente em cada página e tecia comentários diversos que a mim pareciam ser derivados daquilo que estava lendo, já que seu olhar ora era dirigido a mim, ora ao texto (SILVA, 1997, p. 12).

Práticas como a descrita deixa ver a capacidade de formação e inclusão de hábito de leitura que este almanaque proporcionou. Essa característica do Almanaque se por um lado pode ser entendida como resultado de uma conquista no que se refere a conta publicitária, por outro pode ser entendida como um importante instrumento de propagação de novos costumes e comportamentos nos sujeitos. Assim diz uma leitora:

Hoje eu percebo que a imagem que o livrinho passava era que o caboclo era desnutrido, barrigudo, pobre, isto através do Jeca Tatu, enquanto que o morador da cidade era bem vestido e forte, então o mal estava na roça e para melhorar isso só tomando o Biotônico, pois assim, iriam ficar fortes e irem para a cidade (PARK, 1998, p. 90).

E:

Jeca no começo não sabia nada. Nem plantar. Não tinha saúde e precisava aprender a fazer quase tudo. No final da história ele aprende, vira doutor, tem carro e fazenda. Você ficava com a idéia de que se fizesse o que o Jeca fez iria progredir na vida (PARK, 1998, p. 90).

Se por um lado o Almanaque serviu para propagar novos comportamentos, por outro, ao representar o sertanejo como “desnutrido, barrigudo e pobre” contribuiu para criar uma identidade de sertanejo a partir do Jeca Tatuzinho. Assim diz outra leitora:

Eram folhetos ilustrados com a imagem do Jeca Tatu cagando no matinho, a barriga inchada de vermes, o amarelão, a inércia. Na minha cabeça de menina, a idéia cresceu assim: nunca ser como o Jeca Tatu. Depois, já vivendo em São Paulo, a figura do Jeca confirmou-se na derivação cômica dela: Mazzaropi. Só muito mais tarde me surpreendi ao descobrir que o interior paulista, de onde vinham Jeca Tatu e Mazzaropi, era outra coisa. Mas essa passagem, a transformação do Jeca Tatu em novo rico, não ficaria bem elaborada na minha cabeça (PARK, 1998, p. 91).

Volto as atenções para as alternâncias das situações econômicas e física da personagem. A princípio o que parece destacar na memória do leitor é a primeira versão caricatural do Jeca, enquanto ele ainda era pobre e doente, mas porquê? Pelos depoimentos pode-se observar que o Almanaque Biotônico Fontoura como um material de leitura, em que sujeitos, de poder aquisitivo e de acesso cultural diferenciados, tiveram uma experiência de leitura e, como tal, algo imprevisível, um caminho para o desconhecido, uma aventura que produziu subjetividade e seus efeitos não puderam ser controlados ou previstos. Essa afirmação torna-se mais consistente quando considerada a perspectiva teórica de Chartier (1999), que pensa a leitura como pratica inventiva, resultado não de uma, mas de várias maneiras de ler. Desse modo, o simples fato de pegar um livro e manuseá-lo já torna a prática da leitura algo particular de características peculiares, o próprio uso do livro é uma variante individual.

Uma vez escrito e saído das prensas, o livro, seja ele qual for, está suscetível a uma multiplicidade de usos. Ele é feito para ser lido, claro, mas as modalidades do ler são, elas próprias, múltiplas, diferentes segundo as épocas, os lugares, os ambientes [...] a leitura não é uma invariante histórica – mesmo nas suas modalidades mais físicas –, mas um gesto, individual ou coletivo, dependente das formas de sociabilidade, das representações do saber ou do lazer, das concepções da individualidade (CHARTIER, 2004, p. 173).

Ao ler, cada indivíduo busca um significado para aquilo que lê, faz relações internas com seus conhecimentos, cria expectativas, busca finalidades. Mesmo feita de modo silencioso e solitário a leitura não deixa de ser um processo dinâmico. Para Chartier (1988, p. 123) “a leitura é pratica criadora, atividade produtora de sentidos singulares, de significações de modo nenhum redutíveis às intenções dos autores de textos ou fazedores de livros”, isso acontece porque a partir do momento que entendo o livro como um produto manufaturado, constato a não capacidade de controle do autor em relação à forma de leitura da sua obra. Como afirma Chartier (1994, p. 17) “os autores não escrevem livros: não, eles escrevem textos que se tornam objetos escritos, manuscritos, gravados, impressos e, hoje, informatizados.” Ao que parece, é o leitor que presa à construção dos significados daquilo que lê chegando às vezes desconstruir as idéias originais do autor.

Creio que ainda podemos dizer que as reações do leitor podem significar muitas coisas ao final da leitura, e seria arriscado ao autor ou emissário validar com certeza apenas uma. O que ele faz é, no mínimo, preliminar sobre o possível período histórico no qual o texto foi produzido e sugerir ao destinatário, aqui tratado como leitor, uma hipótese interpretativa daquilo que escreve. A idéia do autor registrada em forma de mensagem escrita, ou seja, de um texto, trata-se da sua interpretação particular a respeito do assunto que escreve. Comungo com o ponto de vista de Chartier (1994, p. 35-36) ao afirmar que o autor é:

[...] ao mesmo tempo, dependente e reprimido. Dependente: ele não é o mestre do sentido, e suas intenções expressas na produção do texto não se impõem necessariamente nem para aqueles que fazem desse texto um livro (livreiros – editores ou operários da impressão), nem para aqueles que dele se apropriam para a leitura. Reprimido: ele se submete às múltiplas determinações que organizam o espaço social da produção literária, ou que, mais comumente, delimitam as categorias e as experiências que são as próprias matrizes da escrita.

Neste sentido, o texto é uma alegoria baseada numa suposta realidade que ao ser postado fica sujeito as várias hipóteses interpretativas e conflitantes, seria

o que Umberto Eco chamou de máquina que produz uma “deriva infinita do sentido”.

[...] um texto, uma vez separado de seu emissor (bem como da intenção do emissor) e das circunstâncias concretas de sua emissão (e conseqüentemente de seu referente implícito), flutua (por assim dizer) no vazio de um espaço potencialmente infinito de interpretações possíveis. Conseqüentemente, texto algum pode ser interpretado segundo a utopia de um sentido autorizado fixo, original e definitivo (ECO, 1985 *apud* SCHIFFER, 2000, p. 14).

Isso atribui força à leitura, tornando-a capaz de por fim as abordagens que, particularmente, combatiam interpretações diferentes àsquelas propostas pelo autor no momento da criação, ficando evidente uma tendência que busca não somente examinar o ato de ler, mas que considera a leitura como uma das dimensões constitutivas do texto. Tudo isso contribui para expandir tanto as formas de ler como as de estudar essas mesmas formas e integrá-las a outros campos das ciências humanas e/ou sociais como a Educação, Antropologia, História, entre outras e não apenas à Linguística ou Literatura.

Ao que tudo indica, esse conjunto ambicioso de novos estudos a respeito da leitura teria um insucesso se os textos fossem dignos de interpretações previamente determinadas, e a construção de novos sentidos acatada apenas como crenças hipotéticas, destituídas de qualquer valor e por isso desconsiderada na elaboração de estudos envolvendo a leitura como tema. Contudo, mesmo a deriva infinita de sentidos, os textos possuem seus limites interpretativos. Um afastamento interpretativo exacerbado daquilo que se lê pode implicar em variáveis que desvincula a própria construção de sentidos do texto de sua matriz primária, deixando de assumir a propriedade de interpretação e passando a caracterizar-se em última instância, como um novo texto a respeito de um assunto derivado de seu original.

4.3 OS LIMITES DA INTERPRETAÇÃO

Construir uma unidade de pensamento único a respeito de um texto é algo praticamente impossível. Afinal, o texto está diante do impulso cooperativo dos mais variáveis e incontáveis leitores que existem e suas interpretações que muitas vezes divergem entre si e entre o próprio texto que teve de base. Mas, afinal, como podemos entender essas interpretações feitas pelos leitores? O campo interpretativo possui limites?

Assim como a história da leitura, eu diria que poderíamos escrever também a história da interpretação. Uma não existiria sem a outra, mas à luz dessa relação não é objetiva e trava diferentes posições teóricas no campo de estudos da leitura, sob olhares que por um lado a compreende como um conjunto de habilidades invariáveis e por outro, variáveis a ponto de não terem seus limites estabelecidos. Autores recentes como Jacques Derrida e Umberto Eco deslocam seus estudos e preocupações acerca da leitura percorrendo caminhos opostos. Enquanto o primeiro vê o texto como um “conjunto de signos” e, portanto interpretá-lo seria “tecer um tecido com os fios extraídos de outros tecidos-textos”, o segundo comunga da idéia que há diferenças entre “usar” um texto e “interpretá-lo”, pois, à medida que o uso amplia os sentidos de um texto, a interpretação por outro lado, respeita a coerência deste.

Essas duas maneiras de estudar os efeitos abstratos do texto tornam-se eficazes para o propósito deste trabalho, visto que, a adoção desses pressupostos serviram de base, mesmo que indiretamente, para a realização dos trabalhos que foram consultados para fazer parte do corpus dessa pesquisa. Sem contar que, embora diferentes uma da outra tanto a teoria de Derrida (1973) quanto a de Eco (1991), em alguns momentos convergem entre si.

Para Eco (1991, p. 60), “[...] o texto é uma mensagem fundamentalmente ambígua, uma pluralidade de significados que convivem num só significante”, por isso suas interpretações são inesgotáveis e atualizadas cada vez que alguém o lê. Supõe Eco (1991, p. 60) que a palavra “é aquilo que sempre nos faz conhecer algo mais”, não trata apenas de substituições de termos ao longo da construção de um texto, mas, como parte imaginária do autor, dispõe de possibilidades

interpretativas. Na condição de leitor é a palavra que me proporciona a capacidade de interpretar e o mesmo acontece com outros leitores que, “ao conformar o signo que interpreta, não modifique, mesmo que só um pouco, seus limites” (ECO, 1991, p. 60).

Contudo, isso não significa que interpretar é uma ação incontrolável produzida pelos leitores. O autor não descarta a premissa que os textos tendem a conter implicitamente suas “instruções de uso”, que mostram ao leitor o que fazer e algumas vezes, que significados produzir a partir de suas leituras.

[...] dizer que um texto é potencialmente sem fim não significa que todo ato de interpretação possa ter um final feliz. Até mesmo o **desconstrucionista** mais radical aceita a idéia de que existem interpretações clamorosamente inaceitáveis. Isso significa que o texto interpretado impõe restrições a seus interpretes. Os limites da interpretação coincidem com os direitos do texto (o que não quer dizer que coincidam com os direitos de seu autor) (ECO, 1985 *apud* SCHIFFER, 2000, p. 22, grifo nosso).

Agora, chamo atenção do leitor para o que Eco chamou de desconstrucionista, termo em destaque na citação acima, que trata de uma variante do termo “desconstrução” que partindo da teoria linguística, está ligado ao propósito de Derrida (1973). Para este autor a escrita representa uma espécie de rompimento do texto com o seu contexto de produção, pois ela exerce influencias que vão além das intenções do autor. A leitura, por outro lado, aciona um movimento de interação e/ou repetição daquilo que foi escrito, por isso, de acordo com o autor, ela parasita e contamina aquilo que repete.

Derrida (1973) acreditava que no processo de produção, o texto recebe marcas consideráveis daquilo que pode ser escrito e o que pode ser mostrado. Sendo mais específico, para ele existem situações e/ou objetos que não podem ser descritos através de um texto, mas mostrados apenas. A partir do momento que essas situações e objetos são descritos, parte de sua essência ficam perdidas ou incapazes de ser apanhada pelas significações das palavras, as quais apenas as representariam. Assim, ao leitor caberia desconstruir as significações construídas pelos escritores e fabricantes de livros, para sobrepor

uma hipótese interpretativa que o levaria ao real sentido do texto, ou ao menos daquilo que ele representa. Caso o leitor faça o processo inverso, ele estará na verdade atribuindo novas significações àquilo que já é parte de outra significação anterior, neste caso, estaria apenas produzindo um novo texto e/ou reproduzindo o que leu através do uso de novos significados.

Parece provável que uma possível aproximação com esse tipo de interpretação dos sentidos de um texto proporciona ao leitor uma prática para o reconhecimento da desconstrução como um meio para descobrir partes do texto que são dissimuladas, ou seja, a construção da nossa própria interpretação daquilo que não podemos ler explicitamente no texto. Mesmo assim, o resultado dessa tarefa interpretativa do leitor não implica na chegada certa ou definitiva dos sentidos atribuídos pelo autor no momento de produção. Pensando sob o olhar de Derrida (1972, p. 36), isso acontece porque os sistemas de signos não possuem um significado definitivo.

A diferença é o que faz com que o movimento da significação não seja possível a não ser que cada elemento dito “presente”, que aparece sobre a cena da presença, se relacione com outra coisa que não ele mesmo, guardando em si a marca do elemento passado e deixando-se já moldar pela marca da sua relação com o elemento futuro, relacionando-se o rastro menos com aquilo a que se chama presente do que aquilo a que se chama passado, e constituindo aquilo a que chamamos presente por intermédio dessa relação mesma com o que não é ele próprio.

O panorama traçado acima revela que o trabalho interpretativo que Derrida (1972) busca realizar foge da proposta de Eco (1995), mas não são totalmente divergentes. Tanto um quanto o outro recai sobre o aspecto dos infinitos modos de ler e interpretar. A diferença é: o primeiro as obtêm através de regressões infinitas em busca da essência significativa de cada palavra e o segundo faz o processo inverso, busca em novas significações outros sentidos para a leitura. Porém, dependendo do caminho que o leitor escolher para percorrer ele chegará à interpretações distintas a respeito de um mesmo texto.

Todo signo, lingüístico ou não lingüístico, falado ou escrito (no sentido corrente dessa oposição), em pequena ou em grande unidade, pode ser citado, colocado entre aspas; daí ele pode romper com todo o contexto dado, engendrar ao infinito novos contextos, de forma absolutamente não saturável. Isso não supõe que a marca vale fora do contexto, mas ao contrario que só há contextos sem qualquer centro de ancoragem absoluto (DERRIDA, 1971, p. 36).

Sob uma visão desconstrucionista Derrida (1971) apresenta um ponto de vista que implica na idéia que não há nada fora do texto, como também não há nada fora do contexto. Nessa perspectiva a interpretação precisa estar desvinculada do consenso, ela tem que atingir o extremo sem precisar que alguém a defenda. Isso aproxima ainda mais os pressupostos teóricos entre a desconstrução defendida por Derrida (1971) e a Semiótica de Umberto Eco (1986). E nesse entrave sobre o sentido do texto os dois autores comungam da idéia que é preciso questionar o escrito e arrancar dele aquilo que não foi escrito, mas esta implícito no que Eco (1986, p. 36) chama de “espaços em branco” as informações que encontram-se no entremeio do “não-dito”.

“não-dito” significa não manifestado em superfície, a nível de expressão: mas é justamente este não-dito que tem de ser atualizado a nível de atualização do conteúdo. E para este propósito um texto, de uma forma ainda mais decisiva do que qualquer outra mensagem, requer movimentos cooperativos, conscientes e ativos por parte do leitor.

Sob esse aspecto, a leitura se procederia através de duas modalidades, a primeira buscando as infinitas interpretações que o autor inseriu no texto e a segunda buscando as infinitas possibilidades de interpretações não inseridas por ele. Isso não significa, entretanto, que não se possam apreender articulações interpretativas entre elas, pois a mesma leitura que propicia variáveis de sentido também serve de instrumento por meio do qual se exploram dimensões reveladoras de temas envolvendo problemáticas particulares diferentes daqueles voltados apenas para fins interpretativos. É em torno desses distanciamentos exacerbados do escrito, que o embate entre esses autores se acirra, para Derrida (1973) não há limites interpretativos desde que não haja um distanciamento do

texto, contrario a essa idéia, Eco (1995, p. 81) acredita que existam limites interpretativos e que obra alguma é de caráter aberto. Em algo os dois autores concordam: o leitor não pode atribuir ao texto qualquer interpretação em função do próprio gosto.

[...] um texto é um organismo, um sistema de relações internas que atualiza certas ligações possíveis e narcotiza outras. Antes que um texto seja produzido, seria possível inventar qualquer espécie de texto. Depois que um texto foi produzido, é possível fazê-lo dizer muitas coisas – em certos casos, um número potencialmente infinito de coisas – mas é impossível – ou pelo menos criticamente ilegítimo – fazê-lo dizer o que não diz.

Para Derrida (1973, p. 193-194):

[...] a leitura deve, sempre, visar uma certa relação, despercebida pelo escritor, entre o que ele comanda e que ele não comanda, dos esquemas da língua de que faz uso. Esta relação não é uma certa repartição quantitativa de sombra e de luz, de fraqueza ou de força, mas uma estrutura significativa que a leitura crítica deve **produzir** (grifo do autor).

Se considerarmos o significado como algo instável e produto de uma escrita que se efetiva no momento da leitura, a qual é produtora de sentidos, que por sua vez também instáveis e variáveis, notamos que, ao escrever a história do Jeca Tatuzinho e produzir o Almanaque do Biotônico Fontoura, Lobato teve uma intenção prévia, pois tinha como objetivo atentar aos leitores do Almanaque à aquisição de novas práticas higiênicas, ao interesse pelos estudos, à importância do trabalho para o progresso pessoal e da nação, aos benefícios da ciência, em suma, objetivava um sertanejo bem sucedido nos aspectos culturais, sociais, educacionais e de hábitos saudáveis.

Por esse lado o Almanaque “induziu” seu leitor a essa interpretação de sertanejo. Por outro, ele não conseguiu efetivar a interpretação que almejava no que se refere à representação de sertanejo. Pois, mesmo sabendo que ao final do texto o Jeca tornara-se um homem rico, trabalhador e inteligente, o que ficou na

memória de muitos leitores foi a imagem do jeca indolente, preguiçoso, pobre e doente. Ou seja, uma interpretação condizente apenas com a primeira parte da história escrita por Lobato, que também é viável sob o viés interpretativo, mas que foge do controle e do objetivo do autor, que esperava justamente o contrario de seus leitores.

O processo interpretativo pelo qual passou a historia do Jeca Tatu, contada nos exemplares do Almanaque, mostra que sua interpretação foi aberta e corporativa. Embora o texto tenha limites interpretativos pré-estabelecidos por Monteiro Lobato, eles não dão conta de englobar todas as práticas de leituras de seus interpretantes. Contudo, mesmo tendo uma interpretação final diferente daquela esperada por Lobato, em algum momento ela condiz com o texto. O Jeca indolente, preguiçoso e doente não é uma criação originária do leitor, pois ela esta presente na historia contada no Almanaque. Neste sentido, nota-se que não houve como bloquear os caminhos interpretativos finais da história do Jeca e o controle que supostamente estava nas mãos do autor passa às do leitor.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objeto, os enfoques, as fontes, os pressupostos teóricos e tantos outros requisitos para a realização de um trabalho de pesquisa nem sempre surgem de maneira rápida, em alguns casos eles são pensados por anos e pouco a pouco vão ganhando forma, consistência teórica, problematizações e reflexões cabíveis, elementos que alinhavados pelo discurso culminam em considerações antes não pensadas e até mesmo inesperadas. Hoje, ao olhar para o Almanaque Biotônico Fontoura, identifico elementos que antes passavam despercebidos, outros que, nem mesmo eram pensados.

As imagens de contornos simples e poucas cores que, hoje praticamente não são usados, eram inovadores para a época. Essas mesmas imagens seqüenciadas proporcionavam aqueles que não dominavam a leitura do discurso escrito, a possibilidade de compreender a história do Jeca tatu escrita por Lobato e publicada no Almanaque. Além disso, o uso constante desse almanaque para os mais variados fins, indo da simples consulta ao calendário ao material utilizado como leitura em sala de aula, criou na maioria das pessoas uma imagem de representativa de sertanejo que não condizia com a realidade homogênea dos sujeitos que viviam no ambiente rural.

Essa imagem representativa, criada por intermédio da leitura desse Almanaque, revela que, o que ficou na memória da maioria das pessoas foi uma imagem de Jeca agregada a aspectos negativos, como pobreza, doença, indolência e atraso. Aparentemente, uma imagem diferente daquela esperada por Lobato, que no final da narrativa apresenta-nos um Jeca bem sucedido, educado, saudável, trabalhador e bem disposto. As leituras de Chartier (1990), Eco (1986, 1995) e Derrida (1972) mostram que esse desvio representativo é inesperado, imprevisível e não pode ser controlado pela vontade do escritor. São os leitores e suas leituras que atribuem ao texto sentidos interpretativos, que às vezes estão na contramão dos objetivos pré-estabelecidos nele.

Para essa interpretação negativa de algo que era pra ser positivo, se pensado na forma como foi representado, penso que: um material adotado pela escola como objeto de leitura, a qual tem em sua primeira parte um Jeca que se aproxima da realidade discursiva e situacional do período e na sua segunda parte tem-se o que era para ser o ideal, ou seja, aquilo que se almejava chegar, isso permite que dependendo da forma como a leitura e ou o uso dessa leitura é encaminhada a torne mais próxima daquilo que é próprio de uma situação de realidade representada que daquilo que apenas é idealizado representativamente.

As leituras investigativas com o intuito de averiguar se houve a circulação do Almanaque Biotônico Fontoura nas escolas como material de leitura, não apenas confirmaram o fato como serviram também para perceber que ao circular nos ambientes escolares, o Almanaque teve o uso do seu texto mais voltado em destacar uma representação daquilo que viria a ser um modelo de sertanejo a ser seguido, que propriamente um material para a prática da leitura. Se na visão de Lobato era o interior do país a mola propulsora do desenvolvimento, e a boa educação das crianças em seus diferentes aspectos asseguraria o brasileiro ideal do futuro, os objetivos implícitos em seu texto editado no Almanaque do Biotônico Fontoura, podem ser considerados como, uma espécie de normatização da sociedade moderna, e esta tinha, no período estudado, a educação do sertanejo como um de seus ideais.

Reportando ao Almanaque, noto a preocupação com aspectos educacionais que abrangem as mais variadas esferas, como por exemplo, a educação sanitária, afinal, em praticamente toda a história o Jeca passa por um processo mudanças nos hábitos higiênicos e cuidados com a saúde que o proporciona ao final da narrativa curar-se de todas as mazelas que o impedia de desenvolver-se tanto físico como intelectualmente.

Se por um lado, no prefácio da segunda edição de *Urupês* em 1914, Lobato criou o Jeca Tatu em consequência da sua “revolta” com o caboclo do interior paulista, dizendo que este era “como o piolho da terra, o ‘porrigo decalvans’ das terras virgens” (LOBATO, 1957, p. 326). Por outro lado em 1918 na epígrafe de “O Problema Vital” o Jeca ressurgiu não como causador, mas como vítima e de acordo com o próprio Lobato “O Jeca não é assim, está assim” (LOBATO, 1957, p. 221). A

mesma personagem, porém sob outra óptica representativa. Enquanto isso no campo educacional, discursos atentavam para o meio rural, visando promover aos seus habitantes uma educação de qualidade e, a partir dela, promover o desenvolvimento do meio rural. Neste sentido, se o campo e a educação eram inseridos em novos discursos representativos, não obstante o sertanejo também passara por outro conceito representativo.

Essas perspectivas de olhares representativos são vistas e refletidas no discurso narrativo da história de Jeca Tatu que foram publicadas nos Almanques analisados. Em uma mesma história Lobato enfocou dois estereótipos de caboclo: um negativo e outro positivo, cada qual com sua importância diante da construção narrativa ficcional. Entretanto, o caráter que a história assume está mais ligado ao processo de informação e formação de novos hábitos e costumes aos sertanejos que simplesmente entreter seus leitores.

REFERÊNCIAS

ADLER, Richard P.; FIRESTONE, Charles M. **A conquista da atenção**: a publicidade e as novas formas de comunicação. São Paulo: Nobel, 2003.

ALENCAR, José de. O sertanejo. In: **Obra completa**. Rio de Janeiro: Aguilar, 1965a. v.3.

_____. O sertanejo. In: **Ficção completa e outros escritos**. Rio de Janeiro: Companhia Aguilar, 1965b. v.3.

AMADO, Janaina. Região, sertão, nação. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 15, p. 141-145, 1995.

AZEVEDO, Carmen Lúcia de; CAMARGO, Maria Mascarenhas de Rezende; SACHETTA, Vladimir. **Monteiro Lobato**: furacão na Botocúndia. São Paulo: Editora Senac, 1997.

AZEVEDO, Fernando. **A cultura brasileira**. 5. ed. São Paulo: Melhoramentos, Editora da USP, 1971.

BARBOSA, Rui. **Queda do Império**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1947. Obras Completas. v 16.

BASBAUM, Leôncio. **História sincera da República**: de 1889-1930. 4. ed. São Paulo: Alfa-Omega, 1981.

BOMENY, Helena. Novos talentos vícios antigos: os renovadores e política educacional. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 11, p. 24-39, 1993.

CALAZANS, Maria Julieta C. Para compreender a educação do Estado no meio rural: traços de uma trajetória. In: THERRIEN, J.; DAMACENO, Maria N. (Cord.). **Educação e escola no campo**. Campinas: Papirus, p-15-40, 1993.

CALVINO, Ítalo. **Seis propostas para o próximo milênio**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

CARDOSO, Nilza Aparecida Alves. **As criações neológicas em Monteiro Lobato**: para a construção de um glossário. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia – Instituto de Letras e Linguística, 2006.

CARRASCOZA, J. A. **Redação publicitária**. 3. ed. São Paulo: Futura, 2004.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. Educação e Política nos anos 20: a desilusão com a república e o entusiasmo pela educação. In: COSTA, Wilma Peres; DE LORENZO, Helena Carvalho. **A década de 1920 e as origens do Brasil moderno**. São Paulo: Unesp, 1997. p. 115-133.

_____. **A escola e a República**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

_____. **A escola e a república e outros ensaios**. Bragança Paulista: EDUSF, 2003.

_____. **Molde nacional e fôrma cívica**: higiene moral e trabalho no projeto da Associação Brasileira de Educação (1924-1931). Bragança Paulista: EDUSF, 1998.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro**: do leitor ao navegador. São Paulo: Editora da UNESP, 1999.

_____. **A história cultural**: entre práticas e representações. Rio de Janeiro: Difel, 1990.

_____. **A história cultural**: entre práticas e representações. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 1988.

_____. **Leituras e leitores na França do antigo regime**. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

_____. **A ordem dos livros**: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII. Brasília, DF: Ed. UnB, 1994.

COSTA, Cruz. **Contribuição à história das idéias no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira S.A., 1967.

CURTI, Marlene Gonçalves; CRUZ, Anamaria da Costa; MENDES, Maria Tereza Reis. **Apresentação de trabalhos acadêmicos, dissertações e teses**: (NBR 14724/2005). 2. ed. Maringá: Dental Press, 2006.

DERRIDA, Jacques. **A escrita e a diferença**. São Paulo: Perspectiva, 1972.

_____. **A escritura e a diferença**. São Paulo: Perspectiva, 1971.

_____. **Gramatologia**. Tradução de Miriam Schnaiderman e Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Perspectiva/EDUSP, 1973.

DIAS, Eliane Penha Mergulhão. **A evolução da propaganda brasileira e a ideologia de orientação capitalista**: uma relação dialética. GT – 02 – História da Publicidade e Propaganda UFSC, 2006. Disponível em: <<http://www.redealcar.jornalismo.ufsc.br>>. Acesso em: 11 maio 2010.

DICIONÁRIO Priberam da Língua Portuguesa. 2009. Disponível em: <<http://www.priberam.pt/DLPO/>>. Acesso em: 10 maio 2010.

ECO, Umberto. **Lector in fabula**: a cooperação interpretativa nos textos narrativos. Tradução de Atílio Cancian. São Paulo: Perspectiva, 1986.

_____. **Os limites da interpretação**. Tradução de Pérola de Carvalho. São Paulo: Perspectiva, 1995 (Coleção Estudos).

_____. **Semiótica e filosofia da linguagem**. Tradução de Maria Rosaria Fabris e José Luiz Fiorin. São Paulo: Ática, 1991.

FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. As pesquisas denominadas estado da arte. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 23, n. 79, p. 257-272, ago. 2002.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola Educação Brasil, 1999.

GOMES, Ângela de Castro. **Escrita de si, escrita da história**: a título de prólogo. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

_____. Essa gente do Rio... os intelectuais cariocas e o modernismo. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, v. 6, n. 11, p.80-106, 1993.

_____. **História e historiadores**. 2. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1999.

GOULARD, Ilsa do Carmo Vieira. **O livro**: objetivo de estudo e de memória. Campinas: Unicamp, 2009.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 7. ed. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

HANAYAMA, Elissa. **Acolhendo a alfabetização nos países de língua portuguesa**. São Paulo, v. 2, n. 4, Marzo/Ago. 2007. ISSN 1980-7686 versão on-line. Disponível em: <http://www.revistasusp.sibi.usp.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1980-76862007000200012&lng=es&nrm=iso>. Acesso em: 5 mar. 2010.

HANAYAMA, Elissa. **Depoimento de um imigrante japonês sobre seus primeiros anos de experiência escolar no Brasil**, jan. 2010. Disponível em: <<http://www.revistasusp.sibi.usp.br/scielo>>. Acesso em: 10 mar. 2010.

HUNT, Lynn. **A nova história cultural**. Tradução de Jefferson Luís Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LAJOLO, Marisa. **Monteiro Lobato: a modernidade do contra**. São Paulo: Brasiliense, Série Encanto Radical, 1985.

_____. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. 6. ed. São Paulo: Editora Ática, 2002.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 4. ed. Campinas: Ed. da Unicamp, 1996.

LEITE, S. C. **Escola rural: urbanização e políticas públicas educacionais**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

LIMA, Nísia Trindade; HOCHMAN, Gilberto. Pouca saúde, muita saúva, os males do Brasil são... discurso médico sanitário e interpretação do país. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2. 2000. *Print version* ISSN 1413-8123. Disponível em: <http://www.scielo.org/scielo.php?pid=S1413-81232000000200007&script=sci_abstract&lng=es>. Acesso em: 14 jun. 2010.

LOBATO, Monteiro. **Almanaque do Biotônico (Fontoura)**. São Paulo: Instituto Medicamenta, 1950. Ilustrado. 32pp. Dimensões de 13,5 x 18,5 cm. Variedades. Propagandas de Medicamentos.

_____. **Cidades mortas**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

_____. **Mr. Slang e o Brasil e problema vital**. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 1961. Obras Completas de Monteiro Lobato, Literatura Geral, v.8.

_____. **O problema vital**. São Paulo: Brasiliense, 1957. Obras completas de Monteiro Lobato.

_____. **Urupês**. 27. ed. São Paulo: Brasiliense, 1982.

LOPES, Fátima Faleiros. **Memória, história, educação: trilhas sugeridas por um Almanaque**. 2002. 182 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação da UNICAMP, Campinas.

MADER, Maria Elisa Sá. **O vazio**: o sertão no imaginário da colônia nos séculos XVI e XVII. 1995. 214 f. Dissertação (Mestrado em História) – PUC, Rio de Janeiro.

MANIFESTO dos Pioneiros da Educação Nova. 1932. Disponível em: <<http://www.pedagogiaemfoco.pro.br/heb07a.htm>>. Acesso em: 11 jun. 2009.

MERISSE, A.; JUSTO, J. S.; ROCHA, L. C.; VASCONCELOS, M. S. **Lugares da Infância**: reflexões sobre a criança na fábrica, creche e orfanato. São Paulo: Artes & Ciências, 1987.

MEYER, Marlyse (Org.). **Do Almanak aos Almanques**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

NAGLE, Jorge. **Educação brasileira**. São Paulo: Edart, 1990.

_____. **Educação e sociedade na Primeira República**. São Paulo: Edusp, 1974.

_____. **Educação e sociedade na Primeira República**. São Paulo: EPU, 1976.

NAXARA, Márcia Regina C. **Estrangeiro em sua própria terra**: representações do brasileiro 1870/1920. São Paulo: Annablume, 2002.

NOVA, Vera Casa. **Lições de Almanaque**: um estudo semiótico. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996.

NÓVOA, António. Inovação e História da Educação. **Teoria & Educação**, Lisboa, n. 6, p. 210-220, 1992.

NUNES, Cassiano. **Monteiro Lobato e Anísio Teixeira**: o sonho da educação no Brasil. São Paulo: [s.n.], 1986.

NUNES, Clarice. (Des)encantos da modernidade pedagógica. In: LOPES, Maria Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes; VEIGA, Chyntia Greive (Org.). **500 anos de educação no Brasil**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 135-147.

PARK, Margareth Brandini. **Histórias e leituras de almanques no Brasil**. Campinas: Mercado das Letras S/A FADESP, 1998.

_____. De Jeca Tatu a Zé Brasil: a possível cura da raça brasileira. **Revista Sociedade e Agricultura**, Rio de Janeiro: CPDA/UFRJ, v. 13, p. 143-150, out. 1999. Disponível em: <<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/brasil/cpda/estudos/treze/park13.htm>>. Acesso em: 22 ago. 2009.

PIRES, Cornélio. **Conversas ao pé do fogo**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1987.

QUEIROZ, Adolpho; GONZALES, Lucilene (Org.). **Sotaques regionais da propaganda brasileira**. São Paulo: A&C Editora, 2008.

ROSA, João Guimarães. **Grande sertão: veredas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006. Biblioteca do Estudante.

ROSSI, Ednéia Regina. **Insuladas tribos: a escola primária e a forma de socialização escolar – São Paulo (1912-1920)**. 2003. 358 f. Tese (Doutorado em História) – UNESP, Assis.

SANTOS, Luiz Antonio de Castro. O pensamento sanitaria na Primeira República: uma ideologia de construção da nacionalidade. **Dados. Revista de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, v. 28, n. 2, p. 193-210, 1985.

SCHIFFER, Daniel Salvatore. Umberto Eco: o labirinto do mundo. Rio de Janeiro: Globo, 2000.

SCHRAIBER, Lilia Blima. **Educação médica e capitalismo**. São Paulo: Hucitec/Abrasco, 1989.

SEVCENKO, Nicolau. **A corrida para o século XXI: no loop da montanha-russa**. São Paulo: Cia. das Letras, 2001.

_____. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1983.

_____. O prelúdio republicano, astúcias da ordem e ilusões do progresso. In: _____ (Org.). **História da vida privada no Brasil: República da Belle Époque à era do rádio**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. v. 3 p. 7-47.

SILVA, Marilda da. **Metáforas e entrelinhas da profissão docente**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 1997.

SODRÉ, N. W. **História da literatura brasileira**. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.

STEPAN, Nancy. **Gênese e evolução da ciência brasileira**. Rio de Janeiro: Artenova/Fundação Oswaldo Cruz, 1976.

VASCONCELOS, Zinda Maria Carvalho de. **O universo ideológico da obra infantil de Monteiro Lobato**. São Paulo: Traço Editora, 1982.

VERÍSSIMO, José. **A educação nacional**. 3. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.

WILLIAMS, Raymond. **O campo e a cidade**: na história e na literatura. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

YUNES, Eliana. **Presença de Monteiro Lobato**. Rio de Janeiro: Divulgação e Pesquisa, 1982.